

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Severina José da Silva

**Um estudo sobre a transferência na relação afetiva entre professor-aluno e suas
implicações no processo de ensino - aprendizagem**

Campinas
2018

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Severina José da Silva

**Um estudo sobre a transferência na relação afetiva entre professor-aluno e suas
implicações no processo de ensino – aprendizagem**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade Estadual de
Campinas (Unicamp), como requisito para a
conclusão do curso de Pedagogia, sob a orientação
da Prof.^a Dra. Ana Archangelo.

Campinas
2018

Agência (s) de fomento e nº (s) de processo (s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Si38e	Silva, Severina José da, 1980- Um estudo sobre a transferência na relação afetiva entre professor-aluno e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem / Severina José da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2018. Orientador: Ana Archangelo. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Transferência (Psicologia). 2. Afeto (Psicologia). 3. Aprendizagem. 4. Relação aluno-professor. I. Archangelo, Ana, 1965-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
-------	---

Informações adicionais, complementares

Titulação: Licenciatura em Pedagogia

Data de entrega do trabalho definitivo: 17-06-2018

Dedico este trabalho a todos os professores que, de alguma maneira, fizeram parte da minha escolarização. Aos professores da Faculdade de Educação com quem tive o prazer de ter aulas instigantes, perturbadoras, emancipadoras e formadoras. E aos professores e estudantes que, assim como eu, almejam uma educação plena para todos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por estar comigo em todos os momentos e tornar possível a realização deste sonho.

Agradeço à minha mãe pelo incentivo, consideração e preocupação, pois parte desse sonho pertence a ela.

Agradeço à professora Dra. Ana Archangelo por ter aceito o desafio de me orientar neste trabalho e pela gentileza de compartilhar seus conhecimentos.

Agradeço aos meus irmãos por me ter como um exemplo de dedicação e persistência.

Agradeço à minha nova e querida amiga e colega de trabalho Jessica Rodrigues pelas incontáveis vezes em que, pacientemente, me ouviu, me incentivou, me aconselhou e torceu por mim até o final.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida e que, de alguma forma, colaboraram para a minha escolha de ser educadora.

Finalmente, agradeço a todos que, de alguma maneira, colaboraram para que este momento fosse possível. A todos, meu muito obrigado.

Resumo

Na tentativa de entender a histeria e o sofrimento histérico que acometiam mulheres no final do século XIX, Freud descobriu, pela experiência clínica, o inconsciente. A partir daí, lançando mão de um novo olhar sobre o psiquismo, desenvolveu sua teoria sobre o funcionamento da mente e sua relação com o aparecimento de diversos distúrbios mentais. A psicanálise, surgida daí se transformou num método de investigação de diversos distúrbios, tais como a histeria e as neuroses.

Ao longo de seus estudos, Freud descobriu que a mente, composta por instâncias como o consciente e o inconsciente, causavam no indivíduo conflitos psíquicos que se manifestavam, por exemplo, como neuroses. Descobriu também que alguns processos psíquicos apareciam durante o tratamento de psicanálise e afetavam a relação do paciente com o seu analista e, conseqüentemente, o tratamento. É o caso da transferência, fenômeno caracterizado por um certo investimento afetivo por parte do paciente dirigido à figura do analista.

Ampliando o espectro de estudos sobre a relação médico-paciente, Freud contribuiu para outros autores pensarem a transferência no âmbito da educação, mais especificamente, na relação entre professores e alunos, uma vez que nesta também ocorre o fenômeno transferencial, capaz de afetar não apenas a relação desenvolvida entre ambos, como também o próprio processo de ensino-aprendizagem. Por isso, considerando-se as discussões já existentes sobre o assunto, este trabalho se prestará a discutir e problematizar a importância da transferência na relação afetiva entre professor-aluno, assim como suas implicações no processo de ensino - aprendizagem do aluno. O inédito, porém, ficará por conta de visitas a algumas memórias escolares que, ressignificadas, contribuirão de forma pertinente para o reconhecimento da transferência como fator relevante nas relações escolares e de sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Transferência, afeto, aprendizagem, relações transferenciais entre professor-aluno.

Sumário

Introdução	8
Capítulo 1	
Porque a psicanálise? Porque a transferência?	11
1.1 Psicanálise e Educação: uma aproximação construtiva	15
1.2 A Transferência	22
Capítulo 2	
O afeto na constituição psíquica do sujeito e na aprendizagem	28
2.1 O afeto na relação professor-aluno	35
2.2 Transferência, afeto e aprendizagem	38
Capítulo 3	
Relações Transferenciais entre professor-aluno	41
3.1 (Re) visitando algumas memórias escolares	44
3.1.1 Professor e Aluno: Dois lados de uma mesma moeda	55
3.2 O que a experiência da transferência diz a mim como educadora?.....	58
3.3 A importância da transferência na relação afetiva entre professor-aluno e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem	62
Considerações Finais	65
Referências Bibliográficas	67

Introdução

As transformações ocorridas décadas atrás trazidas pelo fenômeno da globalização e pelo surgimento de novas tecnologias, contribuíram para mudanças em todos os setores da sociedade. A educação, a exemplo de outros setores, vem adequando seu posicionamento frente a essas transformações. A escola, que por muito tempo, assumiu o papel de formar trabalhadores, também vem assumindo o papel de formar cidadãos capazes de pensar criticamente na sociedade como agentes transformadores do ambiente em que vivem.

O professor deixou de ser um mero transmissor de conhecimento para tornar-se um mediador, orientador, facilitador e estimulador no processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos, assumindo juntamente com estes o desafio de ter sucesso, influenciando construtivamente no seu desempenho. Em vista disso, muito se tem discutido sobre a importância de o professor manter um relacionamento amigável, empático com seus alunos. Disso vem a premissa de que dessa relação o aprendizado se torna mais eficiente, além de proporcionar um maior e melhor engajamento de ambas as partes e garantir um ambiente mais propício ao aprendizado.

A sala de aula é um ambiente composto pela diversidade. Nela, encontramos os mais variados tipos de personalidades, inclusive a do próprio professor. Alguns alunos são tímidos, outros são extrovertidos. Há aqueles que demonstram insegurança, e aqueles que são confiantes e desafiadores. Além disso, a escola também é composta por sujeitos de classes sociais diferentes, o que a torna um lugar com uma multiplicidade sociocultural e contraditório, visto que há interesses conflitantes. Dentro dessa multiplicidade, o aluno deve ser levado por um caminho, orientado pelo professor, de vivências e experiências individuais e coletivas indispensáveis para a vida e para o trabalho. O problema é que, nem sempre, o caminho trilhado pelo aluno nesse processo de aprendizagem é marcado por boas experiências e, muitas vezes, torna-se penoso e até traumatizante. E o professor, ativo nessa função, como mediador no processo, muitas vezes, torna-se o representante de relações desiguais, hierarquizadas e pouco construtivas.

Partindo do pressuposto de que as relações educacionais, em especial aquelas que envolvem professores e alunos se dão no âmbito da troca, de interesses e intenções entre os indivíduos e, portanto, sujeitas aos sentimentos e às emoções, é importante pensarmos como essa relação pode influenciar o aprendizado uma vez que esta influência pode ocorrer de forma positiva ou negativa no ambiente escolar. Dado o exposto, o presente trabalho pretende refletir sobre a importância e contribuição da transferência na relação afetiva entre professor-aluno e como ela pode influenciar positiva ou negativamente, o processo de ensino – aprendizagem.

Segundo Freud (1913) a transferência surge como um fenômeno psíquico *que ocorre na relação entre o paciente e o analista*, quando o desejo do paciente irá se apresentar atualizado, como uma repetição dos modelos infantis, as figuras parentais e seus substitutos serão transpostas para o analista, e assim sentimentos, desejos, impressões dos primeiros vínculos afetivos serão vivenciados e sentidos na atualidade. Este fenômeno está presente em todas as relações desenvolvidas entre os indivíduos, bem como na relação professor-aluno. Melanie Klein (1996), afirma que as crianças desenvolvem a transferência a todo o momento em suas relações e, principalmente, no convívio escolar e na sala de aula. O professor, como mediador, acaba assumindo, fora do convívio familiar da criança, o papel conferido aos pais.

Somando-se a isto, Lacan (1992), afirma que numa relação transferencial, o saber pode tomar um lugar de autoridade. Nesse sentido, dado que a relação transferencial se processa inconscientemente, o aluno vê no professor uma figura parental e transfere a este os mesmos afetos conferidos aos pais. Nesse contexto, o professor que possui autoridade é, também, detentor do saber e nesse processo, tem que dosar sua autoridade e o saber em prol do aprendizado de seus alunos. Isso porque a relação professor-aluno é caracterizada por uma assimetria na posição em que ocupam: o professor possui o saber que o aluno deseja e para transmitir esse saber o educador é revestido por uma autoridade e faz uso dela. Como tal relação é afetiva ela pode ser utilizada pelo professor como um fator de influência com base no afeto de forma a promover um ambiente pacífico e propício ao aprendizado. Entretanto, há situações em que a autoridade é imposta de forma que o afeto desenvolvido gera sentimentos como o medo, o ódio, a impotência, a raiva e a autoridade acaba dando lugar a um

autoritarismo que levam a uma relação tensa, negativa e não-produtiva tanto para o professor quanto para o aluno. Consequentemente, a sala de aula, tende a protagonizar relações conflituosas e de tensão, nas quais brigas, intimidação e medo se tornam constantes no ambiente educativo e por isso mesmo considerados desafios difíceis de contornar.

Diante disso, a noção de transferência pode contribuir para se pensar e entender essa relação do ponto de vista da psicanálise e do qual o afeto também faz parte, trazendo subsídios para o professor estabelecer relações empáticas, de confiança e de reciprocidade com seus alunos e que são fundamentalmente importantes no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, o presente trabalho dividido em três capítulos, trará no primeiro o conceito de transferência na perspectiva freudiana, sua importância na psicanálise, assim como, sua relevância no campo educacional como fator de influência no processo de ensino-aprendizagem dos alunos na medida em que se dá a relação afetiva entre professor-aluno. A fim de trazer sustentação e clareza às ideias apresentadas neste trabalho, serão adotados como referenciais teóricos privilegiados, as contribuições de S. Freud, J. Lacan e M. Klein. No segundo capítulo, apresento as dimensões do afeto nas perspectivas freudiana e de Spinoza, destacando sua importância para o desenvolvimento psíquico do sujeito, que aparece desde o nascimento, como também, sua importância na relação professor-aluno e, consequentemente, sua influência na aprendizagem deste último (o aluno).

No terceiro e último capítulo, apresento, ainda com o respaldo da teoria psicanalítica de Freud e de outros autores que contribuem para a discussão aqui levantada, uma análise pormenorizada de algumas memórias vividas no percurso escolar dessa estudante e que foram revisitadas numa perspectiva de ressignificação e reflexão de como as experiências de transferência experimentadas em sala de aula influenciaram no processo de ensino-aprendizagem contribuindo para o enriquecimento e relevância desse estudo, como também a fim de chamar a atenção dos professores acerca de sua posição e função nesse lugar de importância outorgado a eles pelo aluno de forma inconsciente, mas profundamente legítima.

Por fim, a título de considerações finais, considero relevante destacar algumas reflexões realizadas no decorrer do trabalho buscando enfatizar a discussão proposta aqui, como também chamar a atenção do leitor para a importância e necessidade de se pensar as relações afetivas desenvolvidas no âmbito escolar, especialmente entre professores e alunos, como fator relevante no processo de ensino-aprendizagem e na própria constituição do sujeito.

Capítulo 1 – Por que a psicanálise? Por que a transferência?

Desde pequena venho cultivando o desejo de me tornar professora pela simples razão de poder ensinar algo a alguém. Embora as razões que me motivam para a concretização deste sonho tenham mudado com o passar do tempo juntamente com a minha pessoa, o propósito, em contrapartida, se fortaleceu. Se antes eu desejava ser professora para ensinar, hoje, desejo ser professora para também aprender e mediar. Esta última frase parece contraditória, todavia, quando dedicamos um tempo para refletir sobre o que é ser professor, entendemos que também é necessário levarmos em conta aspectos sociais, históricos e políticos sem os quais não é possível ou plausível pensar a educação e o educador. Portanto, o que difere em mim, o desejo de antes e o de agora, é, justamente, o entendimento de que os aspectos sociais, históricos e políticos que tenho aprendido são essenciais neste longo e continuado processo de me tornar educadora.

A entrada na universidade ampliou os meus conhecimentos ao mesmo tempo que convergiu o meu olhar para aspectos nunca antes observados. A educação, o ato de educar, vai além do ensinar, e o professor é um profissional que passou por um processo formativo regido por leis e condutas específicas que em tese, o torna alguém capacitado para assumir a profissão. Mas o que deve centralizar ou permear a formação do professor? Além dos aspectos sociais, históricos e políticos, que outros aspectos, se existirem, devemos levar em conta no processo formativo do educador? Estes, são alguns dos questionamentos levantados em torno do tema desenvolvido e com o qual se pretende dialogar neste trabalho. Tendo dito, posso começar a responder as questões que intitulam este capítulo e que, em grande medida, integram este trabalho.

A psicanálise entrou na minha vida na graduação, enquanto fazia a disciplina EP 128 – Psicologia I, no segundo semestre do curso de pedagogia. Neste momento do curso, eu me sentia desanimada, sem perspectiva frente à docência e cultivando a dúvida se ali era, realmente, onde eu deveria estar. Sempre desconfiada e descrente de que a psicologia teria alguma relação de importância com a educação e a formação de professores, senti-me obrigada a assistir às aulas, uma vez que era uma disciplina obrigatória do curso. E, ao menos que eu mudasse de curso, coisa que eu já havia feito recentemente, não teria como escapar dela. Por isso, enfrentei o desafio.

As primeiras aulas se mostraram tediosas, desconexas e fora da realidade, da minha realidade. As leituras prévias não fluíam e eu chegava às aulas tão perdida quanto confusa. No entanto, certo dia, a professora, que por razões não muito óbvias, também é a orientadora deste trabalho, nos apresentou um senhor Freud, que eu conhecia apenas pelo título de “pai da psicanálise”. A priori, a abordagem inicial sobre o inconsciente me pareceu um tanto complexa, apesar do esforço da professora em tratá-lo de forma mais didática e compreensível. Todavia, alguns aspectos do inconsciente me chamaram a atenção, tais como os atos falhos¹ e as emoções inconscientes. Então, pela primeira vez senti alguma conexão entre aquele tipo de conhecimento e comportamentos observados no dia a dia das pessoas, apesar de ainda parecer, um conhecimento distante da educação escolar. Às aulas que vieram em seguida, dediquei maior atenção esperando fazer novas conexões e, por que não, a descoberta de algo interessante.

A descoberta de algo que eu ainda não sabia se viria deu seus primeiros sinais quando fiz a leitura prévia do texto “A Dinâmica da transferência” de Freud (1912). Na verdade, a leitura desse texto me perturbou e incomodou fortemente. A aula regida tranquilamente pela professora causou, em mim, um alvoroço interno. Os exemplos dados de situações vividas em sala de aula entre professores e alunos e, que envolviam a dinâmica da transferência, me atingiram diretamente. À medida em que eu ouvia a

¹ Também chamado de Lapso Freudiano ou Parapraxis, o ato falho é caracterizado como um erro verbal ou de memória ou de execução ligados ao inconsciente.

Leia: FREUD, S. *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, 1901.

professora e refletia, alguns flashes de memória acendiam e, eu pude me ver em alguns daqueles exemplos.

Ainda sem entender muito bem o que estava acontecendo comigo, comecei a trazer à memória situações vividas no meu período escolar e que se caracterizavam perfeitamente como um processo transferencial. Silenciosamente, fui me permitindo adentrar as lembranças das experiências que se apresentavam e me traziam um sentimento de revolta, angústia e até ressentimento por tê-las vivido. Longe de mim, querer dramatizar. Contudo, considero relevante fazer esse relato para que o leitor compreenda a discussão proposta aqui.

O encerramento do semestre e daquela disciplina não aliviaram os meus pensamentos. Pelo contrário, eles ficaram cada vez mais constantes e geraram inúmeros questionamentos em torno de mim e de minha formação. Logo, surgiu a vontade de manifestá-los. A forma encontrada para isto foi, necessariamente, a escrita. Todavia, escrever não é tarefa simples. O ato de escrever, principalmente em termos acadêmicos, exige do autor mais do que vontade, exige estudo, escuta e reflexão. Por isso, me debruçar sobre este trabalho foi uma experiência extremamente significativa de aprendizado, descobertas e, certamente, essencial para a minha formação.

Aproveitando a obrigatoriedade de desenvolver um pré-projeto de pesquisa numa outra disciplina da graduação, me lancei num propósito de discutir como o afeto influenciava a relação desenvolvida entre professores e alunos a ponto de afetar o desempenho e a aprendizagem destes. Apesar de considerar o afeto fundamentalmente importante nessa relação, achava ainda que o processo transferencial deveria fazer parte dessa discussão. Dessa forma, construí um pré-projeto de pesquisa que abordasse a atuação da transferência na relação afetiva entre professor-aluno e como ela poderia influenciar no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes tendo como aporte a teoria psicanalítica de Freud e as experiências que vivi no meu período escolar. Por fim, o pré-projeto de pesquisa deu vida a este trabalho de conclusão de curso.

Apesar de satisfeita com a escolha do tema, o desafio a seguir seria adentrar com mais intimidade na teoria psicanalítica de Freud e buscar entender um pouco mais sobre a transferência. Missão um tanto difícil, dada a grandiosidade e complexidade de

sua obra. Portanto, o estudo realizado e a contribuição de sua teoria na composição deste trabalho se limitaram, basicamente, à transferência e outros conceitos que se relacionam com ela. Não obstante, um estudo nunca é completo em si mesmo, por isso essa estudante entende que o tema abre um leque para outras discussões, tanto no sentido de agregar quanto no sentido de confrontar a abordagem feita aqui.

1.1 Psicanálise e Educação: uma aproximação construtiva

A psicanálise nos ensina não apenas o que podemos suportar, mas também o que devemos evitar.

Freud

A psicanálise, cuja origem está em Sigmund Freud (1856-1939), nos apresenta o inconsciente, seu objeto de estudo, assim como sua influência sobre o comportamento humano. Segundo Freud, a psicanálise é um procedimento clínico que investiga os processos mentais e que se transforma num método de tratamento para os distúrbios neuróticos que acometem o indivíduo. No entanto, se a psicanálise se configura como um procedimento clínico, como é que se dá a sua aproximação com a educação? E o que faz essa aproximação ser construtiva?

Tradicionalmente, a educação é concebida como uma auxiliadora na construção e consolidação de uma sociedade democrática, possibilitando uma formação para o trabalho e para a cidadania. O indivíduo que adentra a escola e ocupa um lugar na sala de aula tem, ao menos em teoria, a oportunidade de obter conhecimentos e desenvolver potencialidades e habilidades que lhe possibilite a inserção no universo do trabalho e, conseqüentemente, na sociedade como um cidadão participativo e transformador. Desde o momento em que a ideia de escola ganhou notoriedade e se fortaleceu como um espaço gerador de conhecimento e privilégios, a mesma assumiu a incumbência de ser *democrática*² e eficaz no seu propósito de ensinar e educar. Sendo assim, todo o arranjo educacional busca contemplar, em grande medida, o uso de métodos e técnicas, articulados num projeto coletivo e homogêneo, que viabilizem o aprendizado para o trabalho e para a atuação do indivíduo na sociedade como um cidadão.

Nesse contexto, a pedagogia tem se ocupado em pensar a educação no âmbito da formação de professores e do processo de ensino-aprendizagem buscando meios favoráveis que contemplem a realidade do contexto educacional sem o prejuízo da qualidade e da subjetividade que compreende o indivíduo como um sujeito singular. As

² Entenda-se “democrática” no que se refere ao acesso como direito de todos, visto que há importantes discussões sobre o que é, de fato, uma escola democrática e como consegui-la. (Grifo meu)

teorias psicopedagógicas sobre o desenvolvimento humano têm mostrado que os processos psíquicos influenciam no aprendizado e por essa razão é fundamental entendermos e levarmos em conta a subjetividade humana nesse processo.

Segundo Piaget (1990) a cognição tem forte influência no aprendizado da criança que se dá numa hierarquia lógica de estágios, no qual o indivíduo vai conhecer o mundo e se relacionar com o objeto a partir de recursos orgânicos inatos, ou seja, o aprendizado se dá de dentro para fora. Vygotsky (2002), defende que o desenvolvimento das estruturas mentais superiores é influenciado diretamente pelo meio cultural no qual estão inseridos. Além disso, é por meio da linguagem que o indivíduo toma consciência de si e do outro, construindo uma relação social na qual se dará, pela interação, a própria aprendizagem.

Nesse aspecto, Wallon (1995) observa que o fator emocional também influencia o desenvolvimento do indivíduo como um ser sócio cognitivo. Para ele, as emoções têm papel fundamental na constituição do sujeito e funciona de forma dialética e integrada com a inteligência, o social e a motricidade. Assim, a aprendizagem se dará levando-se em conta os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores que possibilitarão ao sujeito atuar na realidade como um agente transformador.

Do ponto de vista da psicanálise, a aprendizagem está diretamente relacionada à produção psíquica, isto é, a produções do consciente e do inconsciente. O sujeito é movido pelo desejo de aprender e, este desejo pelo saber, pelo conhecimento inclui um outro que ensine. Nesse aspecto, os processos psíquicos devem ser levados em conta, uma vez que influenciam, em grande medida, na aprendizagem.

A teoria psicanalítica freudiana permite compreender como se dão os processos psíquicos, buscando o significado das ações, palavras e criações imaginárias do indivíduo. Ela surgiu por volta de 1893 quando Freud estudava as origens da histeria enquanto acompanhava o tratamento, pelo procedimento da hipnose, em mulheres com distúrbios histéricos.

Ao longo de seus estudos, Freud constatou que o homem é conduzido por forças alheias à consciência, revelando um universo constituído pelo inconsciente cujos pensamentos operam continuamente e colocam os impulsos sexuais no centro da dinâmica psíquica que se expressa no comportamento. Para Freud, todo o impulso

sexual, manifestado pela libido e que se apresenta na esfera do inconsciente desde o nascimento, é o que motiva as realizações pessoais ao mesmo tempo em que causa distúrbios emocionais, quando são reprimidos, por exemplo. Todo o corpo teórico traz a ideia de dualidade, de oposição entre forças, tais como consciente e inconsciente, pulsão de vida e de morte, princípio de prazer e de realidade.

O princípio de prazer se configura como uma atividade psíquica cujo objetivo é evitar o desprazer tido como um aumento de tensão interna ao mesmo tempo em que busca o prazer pelo abaixamento da tensão interna por meio da satisfação dos desejos. Ele se dá na esfera do Id (onde estão todos os nossos desejos e impulsos mais básicos) e opera na tentativa de satisfazer todas as necessidades básicas e primitivas, desejos e impulsos, evitando, assim, a dor e o sofrimento. Já o princípio de realidade, se configura como uma força de oposição ao princípio do prazer. Ele se dá levando-se em conta as exigências do Ego, orientando-o a buscar caminhos socialmente adequados ou aceitáveis para satisfazer as necessidades, impulsos e desejos manifestos pelo Id.

Trazendo a discussão para os dias atuais, a própria sociedade tem se conduzido em função de um aparente autobenefício e imediatismo provenientes do desejo de satisfação e de bem-estar, imputados pela dinâmica social contemporânea, é possível encontrar traços do Princípio do Prazer. O indivíduo que integra essa sociedade busca a satisfação da vida pela ideia de felicidade e liberdade, por exemplo. Ao mesmo tempo, esse indivíduo se depara com situações, regras e leis que o obriga a ser cauteloso, prudente, e a considerar os riscos de suas ações e o que elas podem provocar a si mesmo e ao outro. Sobre a atuação dos dois princípios, Freud diz o seguinte:

[...] o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade. Esse último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer. Contudo, o princípio de

prazer persiste por longo tempo como o método de funcionamento empregado pelos instintos sexuais, que são difíceis de 'educar', e, partindo desses instintos, ou do próprio ego, com frequência consegue vencer o princípio de realidade, em detrimento do organismo como um todo. (FREUD, 1976, p. 20)

Em outras palavras, é o princípio da realidade que freia o impulso provocado pelo princípio do prazer e faz o indivíduo pesar suas ações e se adequar à cultura, ainda que o impulso persista em prevalecer. De modo similar, na educação, o princípio do prazer vai operar sobre o desejo do aluno em satisfazer todas as suas necessidades tanto básicas quanto primitivas, enquanto que o princípio da realidade, vai operar como seu regulador, adiando a satisfação ou reprimindo-a. Para Freud (2002), a educação torna-se repressora para atender às necessidades da civilização, em que o indivíduo abre mão de seus instintos em prol da coletividade. Nesse sentido, todas as ações e políticas dirigidas à educação são diretamente vinculadas ao propósito de unidade social, política e econômica da civilização.

A abordagem psicanalítica de Freud percorreu caminhos importantes em direção ao entendimento sobre o funcionamento da mente e suas consequências sobre o sujeito. Suas descobertas sobre a sexualidade contribuíram para a medicina, a psicologia e outras áreas do conhecimento humano romperem mitos e tabus na compreensão do ser humano e de seu funcionamento psíquico. Ampliando o seu espectro, a psicanálise transpassou o consultório médico, saiu do divã e adentrou o universo institucional (KUPFER, 2000). No campo da educação, a psicanálise vem, entre outras coisas, tratar da relação entre professores e alunos e a influência dessa relação na formação do educando. Para Freud (1913), os professores exercem grande influência sobre as crianças por estarem investidos da relação afetiva inconsciente primitivamente dirigida ao pai. Nesse sentido, o estudo da psicanálise e, mais especificamente o estudo sobre a transferência, possibilita uma melhor compreensão por parte dos educadores sobre os aspectos psíquicos que norteiam o desenvolvimento da criança e do adolescente, suas peculiaridades no campo afetivo e das emoções e que influenciam o processo educativo.

A primeira aproximação entre psicanálise e educação se deu quando Freud observou pontos de conexão entre os dois campos de conhecimento. Ainda que o seu

foco de estudo não tenha sido a educação, algumas de suas reflexões sobre o assunto trouxeram contribuições importantes para a pedagogia. Dentre as conexões observadas, ele destacou que o conceito de transferência se aplicava perfeitamente à relação desenvolvida entre professores e alunos, uma vez que o professor assumia, a exemplo do analista, um lugar de importância para o aluno. Em *Algumas Reflexões Sobre a Psicologia Escolar*, referindo-se a si mesmo como aluno, Freud chama a atenção para a importância de seus mestres tanto quanto do próprio conhecimento.

[...] é difícil dizer se o que teve mais influência sobre nós e teve importância maior foi nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. (FREUD, 1914/1996, p. 286)

Com isso, Freud demonstrou haver uma preocupação constante dos alunos tanto com o saber quanto com o professor. Ainda segundo o autor, o próprio apreço pela personalidade do mestre o levou a dedicar-se ao seu trabalho final de curso como forma de contribuição por todo o conhecimento adquirido. (Freud, 1914/1996, p.247)

Assim, ele afirma existir, de fato, uma conexão entre aquele que ensina e aquele que aprende e, que tal conexão influencia, sensivelmente, a aprendizagem do aluno e o seu desejo pelo saber dependendo como essa relação se desenvolve. Ambos, professor e aluno, tornam-se protagonistas de uma relação afetiva inconsciente dada pela transferência que se instala pela liberação de sentimento do aluno pela figura do professor. A relação que se cria nesse contexto é concebida por Freud (1914) da seguinte forma:

[...]. É nessa fase do desenvolvimento de um jovem que ele entra em contato com os professores, de maneira que agora podemos entender a nossa relação com eles. Estes homens, nem todos pais na realidade, tornaram-se nossos pais substitutos. Foi por isso que, embora ainda bastante jovens, impressionaram-nos como tão maduros e tão inatingivelmente adultos. Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratávamos nossos pais em casa. (FREUD, 1914/1996, p. 249)

O professor, sendo alvo da transferência, assume o mesmo lugar de importância dado, inicialmente, aos pais. Nesse ponto, é fundamental que o professor compreenda

que a relação desenvolvida entre ele e o seu aluno está coberta por representações, sentidos, expectativas e desejos inconscientes e que, portanto, ele está delimitando o seu lugar que é diferente do ocupado pelo aluno, pois é um lugar de poder e de autoridade.

Freud destaca aí a relevância da transferência na educação e, conseqüentemente, na atuação do professor como uma ferramenta que, se bem administrada, é capaz de despertar no aluno o desejo pelo saber e contribuir positivamente para a prática docente. Entretanto, para que o aluno deseje o saber, é fundamental que o professor se esvazie de si mesmo, renuncie a posição de detentor desse saber que ele mantém, muitas vezes, de forma narcisista e, entenda que a autoridade que possui não é dele (Lacan, 2008), mas outorgada a ele pelo aluno e, portanto, é o próprio aluno quem a fundamenta na figura do professor.

De modo geral, a psicanálise se aproxima da educação com o objetivo comum de contribuir para o entendimento e desenvolvimento do sujeito. O olhar psicanalítico vem incidir sobre as questões educativas que envolvem a prática docente e a aprendizagem do aluno na medida em que leva em conta seus aspectos psíquicos e emocionais. Ademais, vale destacar que a possibilidade de aproximação motivou muitas vertentes pós-freudianas a se inclinarem com certo esmero sobre as questões educativas e da criança e que vão além da relação professor-aluno tratada neste trabalho. Entre os pós-freudianos pode-se destacar Anna Freud (1895-1982), pioneira nos estudos sobre psicanálise infantil e adolescente, a autora desenvolveu uma pedagogia baseada nos impulsos infantis e também em seus conflitos internos e externos; Melanie Klein (1882-1960) com suas contribuições sobre o Complexo de Édipo³ e o superego infantil deu grande destaque à psicanálise, ao interpretar transferências positivas e negativas em crianças, utilizando a técnica do brincar; Wilfred Bion (1897-1979) cuja Teoria de Grupos e a Teoria do pensar, ampliou o conceito de memória e desejo na esfera psicanalítica; Winnicott (1896-1971) com suas contribuições sobre o processo de

³ Termo criado por Sigmund Freud e inspirado na tragédia grega Édipo Rei, o Complexo de Édipo pode ser entendido como uma fase universal na infância em que o sujeito 'passa por uma triangulação na constituição familiar quando o menino disputa o amor da mãe com o pai.

escolarização e as emoções da criança e Jacques Lacan (1901-1981) que com suas inovações à psicanálise freudiana, fundou a sua própria corrente psicanalítica.

Assim, buscando compreender o funcionamento da mente do indivíduo, as contribuições da psicanálise servem à educação escolar no sentido de construir, juntamente com a pedagogia, conhecimentos e bases internas que auxiliem professores e alunos a desenvolverem seus potenciais dentro do processo educativo compreendendo a ambos como sujeitos psíquicos e singulares.

1.2 A Transferência

“O outro desempenha sempre na vida de um indivíduo o papel de um modelo, de um objeto, de um associado ou de um adversário”.

Freud

A Transferência é um termo cunhado por Freud e tem sua origem na obra *Estudos sobre a histeria* (1895). Para entendermos isso melhor, voltemos aos primórdios da psicanálise quando o Dr. Joseph Breuer (1842-1925), um médico austríaco durante o tratamento de uma jovem chamada Anna O. (1880 – 82) utilizando o procedimento da hipnose, descobre o que ele denominou “cura pela fala”, ao permitir que ela contasse seus pensamentos e sentimentos num processo de auto hipnose o que levou ao desaparecimento dos sintomas observados na paciente.

Durante seus estudos com Jean Martin Charcot (1825 - 1893), médico e cientista francês que também utilizava a hipnose como um método de tratamento para tratar a histeria e outras doenças psíquicas, Freud delineava sua teoria sobre a mente observando e praticando a hipnose. Juntando-se a Breuer elaboram um texto “Sobre o mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos” (1893) e após dois anos, “*Estudos sobre a histeria*” (1895). Neste último, Freud e Breuer revelam aspectos importantes da histeria, tais como o fato de que os histéricos sofriam com lembranças traumáticas, muitas vezes inconscientes e que surgiam de forma patogênica. A ideia de que a histeria poderia ter origem psicológica influenciou Freud a pensar no inconsciente como um lugar de ação de muitos processos psíquicos e que, portanto, merecia uma atenção maior.

As experiências relatadas por Breuer no tratamento da jovem Anna O. levaram Freud a perceber um apego da paciente por seu médico e que este apego apresentava um componente erótico. Ele observou que os benefícios terapêuticos conseguidos pelo método hipnótico ou catártico duravam apenas o tempo em que o médico mantinha contato com a paciente e que o relacionamento pessoal entre ambos parecia ter um maior efeito no tratamento do que a própria hipnose. Freud percebeu que havia um certo investimento afetivo por parte da paciente dirigido à pessoa do médico. Durante o tratamento, o analista passava a assumir um lugar de importância, ao qual lhe era

devotado confiança e um assujeitamento por parte da paciente. Além disso, ele notou que o comportamento da paciente se reportava, muitas vezes, a experiências regressivas vividas na infância.

Tais observações levaram Freud a pensar numa outra abordagem para o tratamento e modificar o método hipnótico:

[...] ao invés de impor ao paciente uma sugestão proibidora do sintoma, começou a explorá-lo. Pretendia com isso promover a revivência de uma situação traumática para o sujeito, liberando assim o afeto que se encontrava “bloqueado”, e restituindo-lhe a mobilidade afetiva. (MAURANO, 2006, p. 11)

É a partir daí que Freud descobre a transferência e, utilizando-se dela, introduz a psicanálise no tratamento da histeria. Nas palavras do autor:

Transferências são reedições, reduções das reações e fantasias que, durante o avanço da análise, costumam despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévias é revivida, não como algo do passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico. Algumas são simples reimpressões, reedições inalteradas. Outras se fazem com mais arte: passam por uma moderação do seu conteúdo, uma sublimação. São, por tanto, edições revistas, e não mais reimpressões. (FREUD, 1969, p. 109-19)

Ela é, então, “*um fenômeno essencial, ligado ao desejo como fenômeno nodal do ser humano*” (Lacan, 1988, p. 219). Ela ocorre quando o paciente repete modelos infantis, projetando na pessoa do analista percepções e expectativas vividas na infância com as figuras paternas, revivendo-as na atualidade com o investimento de afetos. Tais repetições consistem em reproduções de sentimentos e experiências vivenciados pelo paciente em sua vida psíquica (Freud, 1914). Entretanto, Freud adverte que o amor do paciente pelo analista não tem sua origem no tratamento, mas na posição que o sujeito está em relação à pessoa amada, que por sua vez, é constituída, de forma singular na estrutura familiar. Portanto, na análise, o paciente se agarra a esse amor e o reproduz, de forma neurótica, com o analista. A maneira como o analista lida com essa situação vai dizer se o tratamento será bem-sucedido ou não.

O conceito de transferência é tratado de forma mais específica em “*A Interpretação dos Sonhos*” (1912). É importante destacar que, inicialmente, tratava-se de um estudo preliminar e, portanto, desde este momento até chegar aos dias atuais, a noção de transferência foi passando por transformações ao longo de sua elaboração por Freud, tomando consistência, solidez e se constituindo como um conceito central na psicanálise.

Em *A Dinâmica da Transferência* (1912), Freud aborda como se dá a análise a partir da transferência e como ela está, necessariamente, relacionada ao tratamento psicanalítico. Nesse texto, ele dá conta de que a transferência surge como uma poderosa resistência ao tratamento. Na clínica psicanalítica, a resistência é a reação, consciente ou não, do paciente ou analisando, ao que pode lhe trazer sofrimento, como por exemplo, lembranças traumáticas.

Segundo Freud, a resistência aparece no tratamento ao mesmo tempo que a transferência, satisfazendo, portanto, a própria resistência. Sobre isso, o autor afirma que a transferência e a resistência se desenvolvem simultaneamente, se entrelaçando no decorrer da análise, operando sobre o desejo, e o mesmo é transferido, inconscientemente, pelo paciente para a sua representação atual, que é o analista. Disso, se depreende que “*a transferência, no tratamento analítico, invariavelmente nos aparece, desde o início, como a arma mais forte da resistência, e podemos concluir que a intensidade e persistência da transferência constituem efeito e expressão da resistência*”. (Freud, 1912, p.115)

Na tentativa de entender o porquê dessa relação, Freud constatou a presença de dois tipos de transferência e que uma delas se relacionava diretamente com a resistência. Freud destacou em seus estudos que ela pode ser constituída por elementos positivos ou negativos. A transferência positiva é compreendida como a manifestação de sentimentos afetuosos e de amor conscientes ou não dirigidos à figura do analista. [...] “*Transferência positiva é ainda divisível em transferência de sentimentos amistosos ou afetuosos, que são admissíveis à consciência, e transferência de prolongamentos desses sentimentos no inconsciente.*” (FREUD, vol. 12, 1912, p. 140). Já a transferência negativa se dá quando o paciente manifesta sentimentos hostis dirigidos ao analista, provocando resistência ao tratamento.

Segundo Freud, os dois tipos de transferência aparecem na análise, em menor ou maior medida, uma vez que há um investimento de afetos dirigidos ao analista simultaneamente, tais como: amor e indiferença ou ódio e afeição.

Não obstante, o autor observa que por estar constituída de elementos positivos e negativos, a transferência se apresenta de forma antagônica: se, por um lado, ela permite ao paciente reviver na atualidade acontecimentos do passado por meio de sentimentos amigáveis e afetuosos dirigidos à pessoa do analista; por outro lado, ela pode levar o paciente a manifestar sentimentos hostis, de recusa, dirigidos ao analista levando a uma resistência ao tratamento e impedindo o seu progresso. Sobre a dificuldade de lidar com essa resistência, Freud discorre:

[...]. Nada é mais difícil, em análise, do que vencer as resistências, mas não esqueçamos que são justamente tais fenômenos que nos prestam o melhor serviço, ao nos permitir trazer à luz as emoções amorosas secretas e esquecidas dos pacientes e ao conferir a essas emoções um caráter de atualidade [...] Cada associação isolada, cada ato da pessoa em tratamento tem de levar em conta a resistência e representa uma conciliação entre as forças que estão lutando no sentido do restabelecimento e as que se lhe opõe, já descritas por mim. (FREUD, 1912/1996, p.115-116)

Com isso, Freud esclarece que a resistência é peça fundamental na análise e que as transferências positivas e negativas tendem a aparecer, simultânea ou sucessivamente, ao longo do tratamento para que o mesmo ocorra. Ou seja, a transferência surge, ao mesmo tempo, como condição para o tratamento, assim como, sua maior resistência.

Dentro desse caráter ambivalente em que se dá a transferência, ora como obstáculo, ora como sucesso no tratamento, Freud observou que a postura do analista frente a ela também influenciava na resistência do paciente ao tratamento. Ele observou que, *“Além das motivações intelectuais que mobilizamos para superar a resistência, há um fator afetivo, a influência pessoal do médico, que raramente podemos dispensar, e em diversos casos só este último fator está em condições de eliminar a resistência”*. (Freud, 1895/2006, p. 296). Freud identificou dois fatores na conduta do analista que influenciavam positivamente na transferência e derrotavam a força psíquica da resistência: seu empenho e sua cordialidade. Segundo Freud, a reação afetiva do

analista, muitas vezes, retirava o obstáculo da resistência e o tratamento prosseguia. É a partir dessa resposta aos sentimentos do paciente que surge no analista o que Freud denominou contratransferência, isto é, *“aquilo que surge como resultado da influência que exerce o paciente sobre os seus sentimentos inconscientes”* (Freud, 1969, p.125-36). Ou ainda, o *“conjunto das reações inconscientes do analista à pessoa do analisando e, mais particularmente, à transferência deste”* (Laplanche e Pontalis, 1992, p. 102).

A contratransferência apareceu nos escritos de Freud, inicialmente, em 1910 no artigo intitulado *“As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica”*. Nele, Freud descreve a contratransferência como um fenômeno que atingia o médico quando ele sucumbia, inconscientemente, aos apelos emocionais do paciente. Ele atribuiu à contratransferência, a mesma condição verificada na transferência, só que neste caso, da pessoa do analista para a figura do paciente. Inicialmente, esse fenômeno era visto como um obstáculo, como algo inadequado ao tratamento e por isso deveria ser evitado. Entretanto, algumas observações mostraram que a contratransferência poderia e deveria auxiliar o médico a proceder no tratamento. Em sua tese sobre a contratransferência, Heimann (1950) observa que o analista deve ter a capacidade de tolerar os sentimentos manifestos na transferência do paciente de forma a utilizá-los para o enriquecimento de suas interpretações. Ela também defende que o analista *“necessita de uma sensibilidade emocional livre e desperta, a fim de conseguir acompanhar o movimento emocional do paciente e as suas fantasias inconscientes”* (Heimann, p. 82). Entretanto, adverte que se as emoções impelirem o analista mais para a ação do que para a interpretação, o tratamento pode ser prejudicado. Maurano (2006) recorrendo a Lacan (1992) que propõe ao conceito de contratransferência a função clínica caracterizada pelo *desejo do analista*, afirma que *“é através da intervenção do desejo do analista que a transferência se efetiva como viabilização do tratamento, sendo o antídoto para a transferência como resistência”*. Sobre sua importância, Freud nos diz que:

“o analista deve voltar seu próprio inconsciente como um órgão receptor para o inconsciente transmissor do paciente, de modo que o inconsciente do médico possa, a partir dos derivados do inconsciente que se comunicam reconstruir o inconsciente do paciente”. (FREUD, 1969, p. 149-59)

O conceito de contratransferência e sua compreensão no trabalho do analista, tornaram-se objeto de estudo para teóricos de diferentes correntes psicanalíticas. Do mesmo modo que a transferência, a contratransferência levou autores como Melanie Klein, Bion, Hanna Segal, entre outros já citados aqui, a se inclinarem sobre o assunto e darem suas contribuições. A sua conceituação e relevância no tratamento clínico ganhou diferentes contornos, o que o torna, um assunto complexo e controverso. Ainda que, assim como a transferência, seja um fenômeno presente em toda a relação interpessoal e, portanto, passível de ocorrer na relação professor-aluno, nos ateremos, apenas, à visão psicanalítica da contratransferência como a atuação do analista (professor) em relação ao seu paciente (aluno). Dessa forma, é possível transpor esse conceito para a educação e tratá-lo na perspectiva do professor na relação com seu aluno em sala de aula.

Sob este prisma, a contratransferência aparece em sala de aula quando o professor responde à transferência do aluno. Isso se dá, na maioria das vezes, sem que os professores percebam. Considerando que a contratransferência é a transferência no sentido inverso da relação, os investimentos afetivos do professor sobre seus alunos podem influenciar, não apenas a relação entre ambos, mas o próprio processo de ensino-aprendizagem. Portanto, é fundamental tomarmos consciência deste fenômeno como também levá-lo em conta no ambiente educativo.

Capítulo 2 - O afeto na constituição psíquica do sujeito e na aprendizagem

“Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim "affetare", quer dizer "ir atrás". É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado”.

Rubens Alves

Para que se possa discutir o afeto na constituição psíquica do sujeito e sua influência na aprendizagem é fundamental entendermos o que é o afeto e como ele se manifesta no indivíduo. Antes, se faz necessário passarmos, ainda que brevemente, pela constituição psíquica do sujeito buscando entender como ele se constitui ao mesmo tempo em que se reconhece como “Um” que não é o “Outro”.

Do ponto de vista da psicanálise, o sujeito constitui-se a partir da relação com o outro. Segundo Lacan (1998), o sujeito se constrói a partir da imagem do seu semelhante passando por dois momentos importantes: *o estágio do espelho*⁴ e *o complexo de Édipo*⁵. Essa construção começa logo após o nascimento, quando o bebê se relaciona com a mãe. Lacan enfatiza que o bebê não nasce com um “eu”, pois ele não se conhece. Entretanto, o bebê assume a imagem de um “eu” que lhe foi conferida pela mãe e que ela supõe como o ideal de sujeito. Nesse ponto, o autor observa que há, por parte da mãe, um investimento de afeto nessa imagem pré-estabelecida e que é resultante de expectativas e desejos vividos na infância com os pais. Assim, Lacan enfatiza que essa imagem de filho ideal antecipa o sujeito que irá advir.

A relação de dependência do bebê para com o seio da mãe faz com que ele a reconheça como uma extensão de si e, somente quando ele perde o seu objeto de

⁴ No estágio do espelho a criança se reconhece pela autoimagem, ao mesmo tempo em que se desconhece. Segundo Lacan (1998) a função do espelho é estabelecer uma relação da criança com a realidade, marcando a passagem para o social. (LACAN, 1998, p. 100)

⁵ Leia: Laplanche, J., & Pontalís, J. B. **Vocabulário da psicanálise** (P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 77

desejo é que percebe que ela não é dele ou ele, mas um “Outro”. Reconhecendo a mãe como outro e a si mesma como outro, a criança vai investir o seu desejo nela mesma. Com isso, ela começa a se conhecer e a criar uma imagem de si e responder a uma demanda narcisista⁶ como um objeto de desejo do outro. Nesse ponto, Lacan (1995) observa que no complexo de Édipo, o pai marca a ruptura da relação mãe-bebê, de modo que a criança sai do assujeitamento da mãe para formar-se como um novo sujeito e desenvolver sua subjetividade. Assim, o pai possui a função de substituto, como um significante que substitui o significante materno para inserir a criança na cultura, assumindo a posição de ideal de eu, como uma figura onipotente.

No que concerne ao narcisismo, Freud (1914) nos apresenta como uma fase do desenvolvimento humano, caracterizada pela passagem do autoerotismo, isto é, do prazer investido no próprio corpo, para o prazer ou a busca dele fora do corpo. Assim, o narcisista projeta no Outro, características de sua personalidade como o ideal do eu, a fim de que o outro o ame. A importância e legitimidade deste conceito para o entendimento da constituição do sujeito tornou-se fundamental para a clínica psicanalítica. Isso porque, na busca constante pela realização, o homem encontra no narcisismo, obstáculos que o põe em confronto com aquilo que não é o espelho e isso exige dele condutas e disposições que se não forem bem administradas, podem oferecer riscos ao seu processo de constituição como sujeito, dando lugar a conflitos psíquicos de pequenas ou grandes proporções. Por isso, tanto Freud quanto Lacan consideram fundamental a presença do outro para a formação do eu no sujeito.

Essa ideia de outro perpassa o conceito de alteridade⁷, uma vez que a imagem do semelhante corresponde à imagem de outro e, portanto, tanto o eu ideal quanto o ideal do eu só podem sê-los mediante o olhar do outro. Nesse sentido, as contribuições de Lacan⁸ sobre a formação do sujeito, nos revelam aspectos fundamentais e que são

⁶ Referência a Narciso, que na Mitologia Grega, foi um jovem bonito que, ao rejeitar o amor da ninfa Eco, foi condenado e apaixonou-se pela própria imagem refletida na água. Assim, narcisista refere-se a um autoerotismo, uma paixão por si mesmo.

⁷ Do latim *alteritas* ('outro'). Ver: Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1998). São Paulo: Nova Cultural. Laplatine, François (2003). *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense. pp. 12–13

⁸ Ver: Porge E., *Jacques Lacan um psicanalista: percurso de um ensino*. Tradução de Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, Nina Virginia de Araújo Leite e Viviane Veras. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

cruciais para a compreensão do eu como o resultado de uma imagem ideal que emerge no sujeito pelo que nos constitui, isto é, o Outro.

No que concerne ao afeto, ele é entendido, sob a ótica do senso comum, como a expressão de sentimentos bons dirigidos a algo ou alguém. Uma pessoa afetuosa é aquela que demonstra carinho, cuidado, simpatia por algo ou alguém. Na filosofia, o afeto refere-se às emoções positivas manifestadas pelo indivíduo e que se traduzem em atitudes como o apreço, a bondade, a devoção, a benevolência, a gratidão, etc. Já na psicanálise, o afeto é definido, basicamente, como uma quantidade de energia associada a prazer e desprazer. Visto que essa última abordagem é um tanto complexa, a deixaremos para adiante e trataremos, nesta parte, o afeto apenas na perspectiva filosófica.

Considerado por muitos autores um tema central na constituição da subjetividade humana, o afeto tem sido, desde muito tempo, objeto de inúmeros estudos, passando por campos do saber como filosofia, biologia, antropologia, sociologia, psicologia e psicanálise. Tendo em vista as diversas abordagens que cercam o conceito e o seu uso teórico-clínico, para este trabalho recorro à abordagem filosófica de Spinoza (1632 - 1677)⁹ e mais adiante, à abordagem psicanalítica freudiana buscando aproximar as ideias dentro da lógica da transferência na relação interpessoal entre professor-aluno. Contudo, é suficiente dizer que a inclinação maior se dará no sentido de discutir o afeto na relação professor-aluno como um agente modificador e influenciador no processo de ensino-aprendizagem.

Na concepção teórica de Spinoza o afeto possui um caráter dual e, está relacionado àquilo que afeta, assim como ao efeito provocado por esse afeto. O autor define o afeto como uma mudança que ocorre simultaneamente no corpo e na mente e que influencia no nosso modo de agir. Segundo Spinoza (2009, p. 99), *“o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada”*. Ou seja, ao ser afetado, o corpo pode sofrer variações e, o efeito desse afeto pode ser positivo ou negativo. Para o autor, cada indivíduo é uma composição singular, portanto, é afetado e afeta a outros indivíduos

⁹ Leia Marilena Chauí, "Espinosa, uma filosofia da liberdade", São Paulo, Moderna, 1995.

também, de maneira particular. Segundo o autor, todos os afetos estão relacionados ao desejo, à alegria ou à tristeza segundo as definições que lhe foram dadas. *O desejo é a própria essência do homem, concebida como determinada em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira. A alegria como a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior e a tristeza como a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor* (Spinoza, 2007). Assim, ao afeto positivo ele relaciona, primariamente, o sentimento de alegria (vinculado à satisfação e ao aumento da potência de agir do corpo), e ao afeto negativo, primariamente, o sentimento de tristeza (vinculado à frustração e à redução da potência de agir do corpo). Nesse sentido, compreendemos o caráter dual do afeto, uma vez que, tanto a alegria quanto a tristeza e tanto o amor quanto o ódio, fazem parte do universo afetivo, assim como a potência representa a mudança entre um estado e outro.

Sobre o conceito de potência, Spinoza (2009) afirma que esta refere-se ao poder de afetar e ser afetado e que as relações que um indivíduo sustenta com outros corpos podem beneficiá-lo ou prejudica-lo, influenciando seu modo de agir e de conhecer o mundo. Spinoza defende que o homem, imbuído pela razão¹⁰, busca orientar seus encontros com o outro de forma a experimentar mais alegrias do que tristezas. Ainda segundo o autor, a mente constitui-se pelas ideias que forma no encontro do corpo com outro corpo, *sendo capaz de agir ou padecer e, também perceber, simultaneamente, um número maior de coisas* (SPINOZA, 2009, p. 99). O autor argumenta que o corpo pode ser afetado de tantas maneiras quantos forem os encontros que operar. Assim, quando ocorre um bom encontro, há um aumento da potência de agir e quando ocorre um mau encontro, há uma diminuição da potência de agir. Isso significa, segundo Chauí (2011) que aumentar a potência de agir é dar ao indivíduo condições de expandir seu campo de ação e independência na sua relação com o ambiente e com o outro, enquanto que diminuir a sua potência de agir é tirar isso dele.

Trazendo esse conhecimento para o campo da educação e para a sala de aula, no que concerne ao encontro dos corpos e ao afeto gerado por ele, a teoria dos afetos de Spinoza nos dá subsídios para pensarmos a relação professor-aluno e o processo de

¹⁰ Enquanto Descartes (1999) entendia a razão como a manifestação do livre-arbítrio e da vontade, Spinoza (2009) a compreendia como uma ação afetiva.

aquisição de conhecimento. Assim como Freud, Spinoza não desenvolveu uma teoria sobre a educação, contudo, a leitura de sua obra nos permite enxergar pontos fundamentais para pensarmos a relação professor-aluno como o encontro de dois corpos, no qual ambos serão afetados e agirão sob o efeito desse afeto.

Do ponto de vista da psicanálise, pensar o afeto na perspectiva de Freud para este trabalho, exigiu uma apresentação elementar sobre a constituição psíquica do ser humano. Isto porque, assim como a maior parte de sua obra, a Teoria dos Afetos, além de complexa, possui, segundo alguns estudiosos da obra freudiana, um caráter ambivalente e, portanto, uma pluralidade de pontos de vista. Sendo assim, para não correr o risco de fazer interpretações equivocadas, apresento nesta parte, de forma breve, algumas ideias centrais sobre o conceito de afeto.

Após o nascimento, o bebê ativa alguns instintos de conservação do eu e, em defesa de sua sobrevivência, manifesta necessidades vitais como, frio, calor, sede, fome e que será saciado pela mãe. Assim, ele estabelece uma relação de dependência com o seio da mãe através do mecanismo de introjeção e projeção¹¹ e ela passa a ser o seu objeto de satisfação. O *seio bom*, assim como denominou Klein (1969), atende, satisfatoriamente a criança, e ela introjeta sentimentos agradáveis de amor e segurança. Entretanto, quando ela experimenta a frustração, aparecem sentimentos desagradáveis e, pelo mecanismo da projeção, a criança expelle tais sentimentos. Assim, as situações vividas pelo bebê e a mãe (seu objeto) quando atendidas, lhe causam prazer e quando não são atendidas, dão lugar à dor, ao desprazer.

Segundo Freud, o afeto aparece desde essas primeiras experiências de prazer, dor e desprazer vivida pelos bebês. A memória do bebê reconhece no objeto o que lhe provoca o desprazer e cria mecanismos de defesa, de forma que ele não vivencie novamente o desprazer. Assim, é possível pensar o afeto, num primeiro momento, como uma consequência do trauma causado por um acometimento externo que impossibilitando qualquer reação ocasionava sofrimento. Segundo Schneider (1994), o

¹¹ PEREIRA DE OLIVEIRA, Marcella. Melanie Klein e as fantasias inconscientes. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2007000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 24 mar. 2018.

afeto seria uma vulnerabilidade inerente ao sujeito face a uma realidade externa que o agride e, portanto, um mal a ser impedido.

O afeto se caracteriza principalmente por um aumento de excitação, ele se apresenta, então, como um mal a eliminar. O afeto é, antes de tudo, esta perturbação a ser reduzida para que o aparelho psíquico reencontre um equilíbrio satisfatório. (SCHINEIDER, 1994, p.17)

Em *A Interpretação dos Sonhos* (1972), Freud dedica um capítulo para discorrer sobre o afeto. Entre as novas descobertas que faz, destacam-se as noções de fantasia e o conceito de pulsão(...) *situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo* (FREUD, 1915/1996, p. 127). A pulsão é caracterizada como uma força interna e que está apoiada em algumas funções biológicas. A pulsão tem origem no corpo, ligando-se a esfera psíquica por dois representantes pulsionais: o afeto e a representação. *O afeto é, então, uma energia, enquanto que a representação se configura como uma ideia.*

Ainda sobre o afeto, Freud considera que no processo de formação dos sonhos, o afeto e o material ideacional sofrem transformações, podendo aquele ser suprimido, deslocado, subtraído, invertido e reforçado. Sobre a pulsão, Freud diz que, como representante psíquico dos estímulos internos, sua finalidade é sempre a satisfação, a eliminação do estado de estimulação de sua fonte, representado pelo instinto. Dessa forma, o afeto passa a ser associado à dimensão pulsional a que ele se refere como “montante de afeto”. E no que diz respeito a esse montante de afeto, três são os destinos possíveis: ser suprimido, aparecer como um afeto qualitativamente colorido ou transformar-se em angústia.

Quando ocorre a separação entre o afeto e a representação, aparece o que Freud denominou recalque. O recalque é descrito como um mecanismo de defesa contra ideias incompatíveis com o eu. Ele funciona como uma barreira contra uma pulsão, que na tentativa de prejudicar o equilíbrio psicológico do indivíduo, bate e volta permanecendo no inconsciente, isto é, ele opera no sentido de evitar o desprazer. Entre os efeitos provocados pelo recalque está a transformação de instintos egoístas

em sociais e vice-versa. É pelo recalque que o indivíduo pode renunciar a seus desejos instintivos e viver em sociedade. Sobre sua importância, Freud declara que a teoria do recalque é a *“pedra angular sob a qual repousa toda a estrutura da psicanálise”* (Freud, 1914a, p. 175). Portanto, trata-se de um conceito central de sua teoria.

No que concerne então aos sentimentos, aos afetos e às emoções, Freud nos alerta que estes podem se apresentar tanto na esfera do consciente quanto na esfera do inconsciente. A diferença se dá pelo fato de que na esfera do inconsciente, os impulsos emocionais e afetivos, muitas vezes, não são identificados corretamente, e isso ocorre pela ausência de uma representação que sofreu, neste caso, um recalque.

Assim, na teoria psicanalítica de Freud, o afeto é uma energia psíquica que reage com descargas por via motora, a fim de reduzir a quantidade recebida a um nível mínimo para seu funcionamento psíquico. Relacionando-o as neuroses, Freud (1894/1976, p. 6) identificou os afetos como uma quantidade operando na mente, isto é: *“um quantum (cota de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade; algo que é suscetível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e se difunde pelas vias mnêmicas das representações como o faria uma carga elétrica pela superfície dos corpos.”* É a partir dessa ideia inicial, que Freud concebe o afeto como uma variação de energia psíquica e corporal que transita pelas fronteiras do consciente e do inconsciente causando prazer ou desprazer no indivíduo.

2.1 O afeto na relação professor-aluno

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”.

C.G. Jung

As abordagens feitas anteriormente sobre o afeto tanto na perspectiva filosófica de Spinoza quanto na perspectiva psicanalítica de Freud, dão conta de que o afeto tem lugar de extrema importância no processo de constituição do sujeito, assim como nas relações travadas entre os indivíduos. E, apesar de suas ideias sobre o afeto divergirem em muitos aspectos, elas se entrelaçam conceitualmente e se aproximam quando tratam deste como algo que é inerente ao ser humano desde o nascimento até a morte.

O caráter dual apresentado por Spinoza nos mostra o afeto como uma afecção que o corpo sofre, podendo responder ao mesmo positiva ou negativamente, de maneira a aumentar, diminuir, estimular ou refrear a sua potência de agir. Isto quer dizer que o modo como um indivíduo é afetado por outro irá provocar, necessariamente, reações que podem ser positivas, isto é, alegres ou estimulantes, como também negativas, trazendo frustração ou tristeza para um ou para ambos.

Já na perspectiva freudiana, o afeto aparece como uma variação quantitativa e qualitativa de energia psíquica e corporal composta por descarga motora, percepções, sensações e representações que se manifestam no indivíduo desde os primeiros contatos com a figura materna evoluindo para as relações desenvolvidas com objetos externos quando inserido na cultura. Deste modo, seja pela ideia de afecção de Spinoza, seja pela ideia de energia de Freud, o afeto está, indiscutivelmente, presente nas relações interpessoais e influencia, sensivelmente, o processo de constituição do sujeito.

Visto que o afeto está presente, invariavelmente, na relação entre os indivíduos, é de se supor que também tenha lugar no ato de ensinar-aprender, uma vez que, nesse processo existe uma relação vincular entre sujeitos e, portanto, estão suscetíveis aos próprios movimentos conscientes e inconscientes que os constituem. Sendo assim, é plausível pensar que o afeto influencie também o processo de ensino-aprendizagem.

No âmbito da sala de aula, o afeto está presente na relação interpessoal entre professor-aluno. No encontro de ambos, surge a identificação de um com o outro. Cada um traz para esse encontro vivências, experiências, expectativas e um modo particular de se relacionar com outro. O afeto, então, se instaura na relação que surge daí com o objetivo inicial de promover o aprendizado pela transmissão e pela aquisição de conhecimento.

Recorrendo à ideia de afeto apresentada por Spinoza, é razoável pensar que no processo de identificação entre professor e aluno, um irá afetar o outro e esse afeto trará consequências boas ou ruins para ambos. Segundo Spinoza (2007) o indivíduo pode ser afetado positiva ou negativamente, isto é, manifestando alegrias ou tristezas, uma vez que ambas são paixões pelas quais a potência de cada um - ou seja, seu esforço por perseverar no seu ser - é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada. Esses sentimentos, irão, conseqüentemente, atuar na própria potência de agir do corpo. Portanto, quando um professor se apresenta para seus alunos, ele causa um tipo de afeto em cada um deles. Um professor que chega à sala de aula indiferente com o saber e com seus alunos, os afetará, em grande medida, pela sua indiferença. Como consequência, os alunos poderão ficar indiferentes ao saber e à própria figura do professor. Do mesmo modo, quando um professor demonstra interesse, simpatia e empatia por seus alunos, estes tendem a retribuir de forma mais positiva, o que os fará, também, se relacionar de forma mais produtiva com o conhecimento.

Fica claro, então, que a postura do professor frente ao aluno irá influenciar no seu relacionamento com os mesmos, assim como, a relação destes com o conhecimento. Nesse sentido, a teoria dos afetos de Spinoza (2009) se articula com a prática educacional na medida em que possibilita ao professor pensar sobre como promover “bons encontros” com seus alunos, assim como destes com o conhecimento.

De modo semelhante, a perspectiva freudiana alcança o processo educativo na medida em que aproxima o afeto e o desejo pelo saber da relação entre professores e alunos. O autor avalia que tanto o afeto quanto o desejo têm lugar relevante na relação ensino-aprendizagem. O afeto, como expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional, busca a satisfação evitando o desprazer. O desejo, como uma experiência

dessa satisfação ligada às primeiras vivências infantis (o seio da mãe – por exemplo) aparece como uma necessidade a ser suprida.

Segundo Lacan (1992), o desejo da criança está inscrito no desejo do outro, se situando entre a necessidade e a demanda de ser suprido. Assim, a criança privilegia o outro para a satisfação de suas necessidades. Ainda segundo Lacan, o desejo está essencialmente ligado a uma ausência objetual que só pode ser suprida pela mediação do outro, como substituto do objeto faltoso. Sendo assim, na relação entre professor-aluno, o afeto aparece como uma fonte energética, compreendendo os sentimentos de satisfação, insatisfação e interesse, enquanto que o desejo vai operar na falta, na ausência objetual. Dessa forma, o professor se apresenta para o aluno como o objeto que lhe trará satisfação pois ele representa o objeto faltoso do desejo e, este pode ser o próprio saber.

Nessa perspectiva, é importante considerarmos que a ação educativa se constitui, efetivamente, na relação afetiva entre os sujeitos e que os “bons encontros” entre professores e alunos possibilitarão não apenas a transmissão e a apropriação do conhecimento, mas também a instauração do próprio desejo pelo saber.

2.2 Transferência, afeto e aprendizagem

"O conhecimento é conhecimento do outro, porque o outro o possui, mas também porque é preciso conhecer o outro, quer dizer, pô-lo no lugar do professor (...) e conhecê-lo como tal. Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar".

Alicia Fernandes, 1991.

Na pesquisa teórica que realizei em busca de trabalhos que abordassem a Transferência e sua relação com a aprendizagem, encontrei dezenas de artigos científicos que tratavam, em sua totalidade, sobre a importância do conceito de transferência na relação entre professor – aluno. Na leitura que fiz de alguns deles, foi possível perceber que a transferência tem sido entendida no âmbito da educação e da relação pedagógica como um dos fatores fundamentais para se pensar tanto o relacionamento entre professores e alunos, quanto o processo de ensino-aprendizagem a partir dessa relação. Foi possível encontrar nos textos, algumas semelhanças no que se refere ao reconhecimento da própria transferência como um fenômeno que acontece no âmbito escolar e da sala de aula, assim como sua influência no aprendizado. Sendo que *"é o estabelecimento da transferência, nessa relação, que torna possível a aprendizagem"*. (Santos, 2009). Mas a pergunta que me incita é: Quanto a transferência é percebida pelos professores no contexto da sala de aula? Além disso, embora se tenha algum conhecimento a respeito da mesma, será que os professores reconhecem a transferência incluindo-se nela?

Na consulta dos trabalhos acadêmicos que realizei não obtive resposta para tais perguntas. Ao invés disso, me permitiram levantar duas possíveis hipóteses: a primeira refere-se ao fato de que os professores, mesmo cientes da existência do fenômeno transferencial, talvez, se considerem inaptos para lidar com a transferência, uma vez que ela poderia exigir deles intervenções clínico-pedagógicas em sala de aula, e isso acabaria desvirtuando a sua função, visto que não foram preparados para isso; a segunda hipótese refere-se ao fato de os professores realmente considerarem a transferência um fenômeno que se dá apenas na esfera do aluno e, portanto, não diz

respeito a eles. Não obstante, fato é que o estudo da transferência no âmbito educacional tem se mostrado fundamental para o entendimento de questões relacionais entre professores e alunos e que influenciam, em grande medida, o processo educativo e a aprendizagem.

No que diz respeito ao afeto, parece haver um consenso de que este está presente na relação professor-aluno e influencia a aprendizagem, já que o ato de ensinar e aprender envolve sentimentos, desejos, interesses e as emoções em geral. Segundo Santos (2009), muitos professores têm conhecimento dos sentimentos afetivos que despertam em seus alunos e que a maneira como lidam com eles pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem e também na sua relação com o aluno. Alguns estudiosos da teoria do desenvolvimento infantil argumentam que as reações e interações emocionais das crianças estão relacionadas tanto a fatores biológicos e orgânicos quanto a fatores sociais e também à interação com o outro.

Segundo Vygotsky (1994) a criança manifesta suas emoções e sentimentos de forma orgânica (pela herança biológica) e também em nível psicológico, pelo processo de internalização dos instrumentos culturais, dado nas interações sociais através da linguagem. Nesse ponto, ele destaca a importância do outro (adulto) e seu papel na aquisição do conhecimento, pela criança, através de uma ação mediada. Ou seja, a aprendizagem se dá pela mediação do outro.

Tendo em vista a necessidade do outro (professor) para que ocorra a aprendizagem, qual o lugar da transferência na relação entre professores e alunos? Como ela influencia o processo de ensino-aprendizagem? Por fim, como esses três conceitos - Transferência, Afeto e Aprendizagem se relacionam no ambiente escolar? Como um fenômeno que ocorre em todas as relações interpessoais, a transferência também tem seu lugar na relação entre professores e alunos quando este último deposita na figura do professor expectativas, impressões e sentimentos vividos na infância com as figuras parentais. Considerando que essa relação transferencial se dá na esfera do inconsciente, ela influencia negativamente o processo de ensino-aprendizagem quando o aluno investe no professor sentimentos pouco amistosos, como a raiva, a indiferença e até o ódio. Esses sentimentos, se mal administrados, podem produzir no aluno uma repulsa pela figura do professor, ao mesmo tempo em

que rejeita o saber. Em contrapartida, se a relação é desenvolvida positivamente, o aluno também desenvolverá sua aprendizagem de forma significativa, desejando o saber e sentindo prazer nele.

No que se refere ao afeto, assim como observa Spinoza em sua teoria sobre os afetos, a maneira como afetamos o outro pode influenciar positiva ou negativamente sua potência de agir, isto é, o professor pode afetar o seu aluno de forma que o mesmo aumente ou diminua a sua potência de agir. Quando o aluno tem a sua potência de agir aumentada, ele se sente satisfeito, busca se aproximar do professor e do saber. Entretanto, quando o aluno é afetado negativamente, sua potência de agir é diminuída e ele se sente triste, desanimado, não sente satisfação em aprender e se afasta do professor. Isso pode acontecer, por exemplo, quando um professor ao corrigir a lição de dois alunos, elogia o capricho, a letra, a conservação do caderno de um, enquanto que, para o outro aluno, há queixas sobre o desleixo, a letra ininteligível, e a má conservação do caderno. Muito provavelmente, o primeiro aluno, diante da aprovação do professor, aumentará a sua potência de agir, mantendo ou melhorando seus resultados, enquanto que o segundo aluno, diante da reprovação do professor, diminuirá a sua potência de agir, mantendo ou piorando seus resultados. O fato é que, o professor tem em suas mãos o poder de afetar o seu aluno e isso irá influenciar, inevitavelmente, o seu desempenho escolar.

Considerando que a aprendizagem, em âmbito escolar, se dá pela ação entre sujeitos, no qual um ensina e o outro aprende e, que por estar essa ação, do mesmo modo, implicada por uma relação interpessoal, o afeto aparece, então, como construto dessa relação, sendo de grande importância no processo de ensino-aprendizagem. Tanto a transferência, quanto o afeto dão conta do aluno e do professor como sujeitos singulares, movidos pelo desejo, representações e sentimentos e que os trazem consigo para todas as relações que desenvolvem com o outro.

Na educação, o encontro que se dá entre professores e alunos é permeado por estes fenômenos que, influenciando a relação de ambos, também influencia a aprendizagem. Dessa forma, é fundamental levarmos em conta as transferências e os afetos no processo de ensino-aprendizagem.

Capítulo 3 - Relações Transferenciais entre professor-aluno

“A primeira fase do saber é amar os nossos professores”.

Erasmus de Rotterdam

Na psicologia, o termo transferência é utilizado para referir-se a um deslocamento de sentidos de um alguém para outrem. Na psicanálise, ela é entendida, também, como um fenômeno psíquico manifesto na relação analista-paciente, no qual este último vai investir sentimentos, desejos e impressões na figura do analista, repetindo modelos infantis vividos outrora, com figuras parentais. Do ponto de vista terapêutico, a transferência é fundamental para o tratamento.

Durante suas pesquisas, Freud sugeriu que o fenômeno da transferência era passível de acontecer nas diferentes relações estabelecidas entre as pessoas, inclusive na relação professor-aluno. O conceito de transferência, que no início assumia um lugar periférico no tratamento psicanalítico, tornou-se um fator central na psicanálise e alcançou outras esferas. Na relação com seu aluno, o professor, tal como o analista, torna-se um depositário de afetos, desejos e impressões que foram vividas pelo aluno, outrora, com os pais.

Nesse aspecto, as contribuições de Melanie Klein (1952/1991) sobre a transferência dão conta de que a mesma tem sua origem nos processos que determinam as relações objetais ainda nos primórdios do desenvolvimento, ocorrendo naturalmente e, sendo fundamental para o desenvolvimento afetivo da criança. Ou seja, no que concerne à criança no contexto da análise, as suas fantasias, desejos e afetos são transferidos por movimentos de projeção e introjeção na figura do analista. No contexto escolar, a situação não é diferente, isto é, o aluno transfere suas fantasias, desejos e afetos projetando-os e introjetando na figura do professor expectativas e impressões vividas no passado com as figuras parentais.

Segundo Freud (1914), após transferir suas expectativas e impressões, o aluno vai tratar o professor da mesma maneira que tratava os pais:

Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratávamos nossos pais em casa. Confrontamo-los

com a ambivalência que tínhamos adquirido em nossas próprias famílias e, ajudados por ela, lutamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso. (FREUD, 1914, p. 249)

Nesse ponto, Freud observa que o professor assume o lugar de substituto da figura paterna, da figura de autoridade, da figura de poder, de idealização, tornando-se um representante de uma representação que fora recalcada. O professor é revestido, simbolicamente pelo aluno, com a autoridade do pai onisciente e esse pai onisciente é, ao mesmo tempo, aquele que irá satisfazer o seu desejo pelo conhecimento, uma vez que ele é o portador do saber. Dessa forma, o professor é solicitado a ocupar um lugar que, inevitavelmente, supera a prática pedagógica. Um lugar de autoridade e poder, e ao mesmo tempo, um lugar de afeto e amor.

Nesse lugar ocupado pelo professor ele poderá sofrer dois tipos de transferência: a positiva e a negativa. A transferência positiva lhe dará a possibilidade de se relacionar com seus alunos de maneira empática, respeitosa e produtiva, enquanto que a transferência negativa o fará uma figura odiada, temida e rejeitada pelos alunos. Nesse ponto, é fundamental ao professor entender que, ao chegar na sala de aula, o mesmo causará uma primeira impressão tanto no conjunto da sala, como individualmente. Por isso, é importante que o mesmo experimente uma postura amistosa, empática e receptiva frente ao coletivo desde o primeiro encontro para que possa, no decurso da relação, tanto sofrer transferências positivas como reconhecer as transferências negativas.

No que concerne à relação individual com o aluno, também é importante que o professor saiba reconhecer os sentimentos que são dirigidos a ele a fim de que possa conduzir a relação afetiva da melhor forma possível. Sob a ótica da psicanálise, é fundamental ao professor enxergar o aluno na sua individualidade, dando a ele um lugar de sujeito singular e ter claro que no processo transferencial o aluno age inconscientemente. Nesse processo, ouvir o aluno é crucial para o entendimento de suas necessidades psíquicas e que são, também, desconhecidas por ele. Não que o professor deva ou tenha que assumir a postura clínica de um psicanalista na escuta ao aluno, mas levar em conta os fenômenos inconscientes presentes nessa relação lhe dará condições de agir acertadamente. Kupfer (2000, p. 138) nos diz que o aluno "[...]

precisa dirigir a sua fala a alguém para que esta retorne e ele a ouça e que sem o recurso da fala não é possível escutá-lo”.

Há muito, tem se discutido o papel da linguagem na comunicação e nas relações interpessoais como fator diferencial nas relações humanas e também nas organizações. Segundo Feitosa (1987), a comunicação eficiente passa pela empatia e para que ela ocorra, é necessário que o emissor se coloque por inteiro na ação comunicativa e seja sensível ao comportamento do receptor. Nessa sensibilidade ao que o outro diz ou expressa não verbalmente, é possível ao professor descobrir aspectos do aluno e compreender por que ora se comporta de uma maneira ora de outra, por exemplo, podendo avançar, juntamente com ele, nos impasses que surgem na sua trajetória escolar. Dessa forma, por meio de uma escuta alteritária¹², isto é, uma escuta verdadeira do outro (aluno) o professor poderá desenvolver uma relação afetiva construtiva tanto coletiva quanto individual com seus alunos, dando lugar para as transferências positivas.

Um outro aspecto da transferência na relação entre professor-aluno é a transferência que ocorre no sentido inverso, isto é, do professor para o aluno, e que na psicanálise é denominada contratransferência. Em resposta ao investimento afetivo do aluno, o professor responde na mesma medida ou não com seus afetos e expectativas. O importante de se observar nesse caso, é que, dependendo do tipo de transferência que o aluno está desenvolvendo, o professor também corre o risco de desenvolver, o que pode ser prejudicial para a relação entre ambos, se a transferência for negativa.

Tomemos como exemplo um aluno que desenvolve uma transferência negativa com o professor e nessa relação manifesta sentimentos de raiva, indiferença e repulsa pelo mesmo em sala. O professor poderá responder, contratransferencialmente, a este aluno, devolvendo os mesmos sentimentos de raiva, indiferença e repulsa, ou responder empaticamente, buscando uma forma não agressiva de se relacionar com ele. Nesse sentido, é fundamental ao professor estar atento às suas manifestações afetivas, sabendo discerni-las a fim de não provocar no aluno a repulsa pela sua pessoa, assim como, pelo próprio conhecimento.

¹² Ver: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/falaoutraescola/EscutaAlteritaria-OrganizFala.pdf>

Ver também: Bakhtin, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo, SP: HUCITEC, 2002.

3.1. (Re) visitando algumas memórias escolares

“As nossas memórias não correspondem, necessariamente, a fatos vividos, mas ao registro de afetos e significados. Como pérolas de um enorme tesouro, ao resgatá-las do baú submerso das recordações, você consegue colocar tudo em seu devido lugar”.

Ana Fraiman

Revisitar nossas memórias escolares nem sempre é uma tarefa fácil, assim como falar de nós mesmos. Quase sempre, temos a lembrança de situações vividas na escola que nos trouxeram alegrias ou que nos marcaram de forma negativa. Também é recorrente, quando perguntamos a alguém sobre algum professor da infância, a lembrança nítida daquele ou daquela professora carinhosa, “boazinha” e dedicada, assim como a lembrança daqueles professores bravos, severos, antipáticos e considerados “ruins”. Neste último caso, a nitidez também está na lembrança de situações desagradáveis vivida e que muitas vezes são revisitadas trazendo à tona um sentimento de tristeza ou de revolta.

A escola e as relações interpessoais e sociais vividas nela marcam a todos de forma distinta, mas que se convergem em muitos aspectos. As relações travadas na escola influenciam em maior ou menor medida a formação do sujeito e o seu aprendizado. Para aqueles que tiveram uma vida escolar, não é raro ouvirmos que esse período influenciou, substancialmente, e definiu o rumo de suas vidas profissionais. Muitas vezes, ouvimos alguém geralmente mais velho, dizer: “Se eu não tivesse estudado, eu não teria feito isso ou aquilo”, ou ainda, “Se eu tivesse estudado, não estaria assim agora”, como também, “ir para a escola e aprender é a sua melhor chance na vida de ser alguém”. Essa última frase resume bem a ideia que muitos têm sobre a escola e a função que ela desempenha ou deveria desempenhar: a escola é um lugar para se aprender a ser alguém. É verdade que na escola aprendemos muitas coisas importantes para a vida em sociedade, todavia, não se resume a somente aprender para se tornar alguém. Certa vez, no estágio supervisionado em que realizava numa turma do 5º ano, apliquei um questionário a fim de saber o que aqueles alunos achavam da escola e a importância dela em suas vidas. De dez questões, duas tiveram respostas

unânicos. A primeira, que tratava da importância da escola teve como resposta: aprender para conseguir um emprego. Já a segunda, que perguntava o que eles mais gostavam na escola, teve como resposta: fazer amigos. É interessante notar que a criança, muitas vezes, traz consigo uma ideia pré-estabelecida do que é a escola e para que ela serve. Entretanto, ao adentrá-la, percebe que ela pode oferecer outras coisas, como por exemplo, o convívio social com seus pares e com outros adultos.

Vemos aí, excluindo-se outras opções que, quem está na escola e ocupa o lugar de aluno a enxerga também como um espaço de socialização, de conhecimento e estranhamento do outro, além de aquisição do conhecimento. Portanto, é fundamental pensarmos e nos atermos às questões do aluno como indivíduo que se relaciona, entra em conflito, sofre, ama, sorri, chora, que tem suas peculiaridades e necessidades. Nesse sentido, é que proponho aqui revisitar algumas memórias escolares, descrevendo-as da forma mais fiel que a minha mente consegue se lembrar e, ao mesmo tempo, fazer uma ressignificação das mesmas, observando, para tanto, o conceito de transferência e suas implicações na relação professor-aluno, isto é, como as experiências vividas diretamente com alguns professores marcaram e influenciaram no que sou hoje como estudante universitária e educadora.

A primeira vez que fui solicitada a revisitar as minhas primeiras memórias escolares, já estava no segundo ano da faculdade. Entretanto, não foi difícil trazer à memória lembranças da minha entrada na escola visto que, foi um dos momentos mais marcantes da minha infância. Posso dizer que o meu processo de escolarização teve altos e baixos. Não é à toa que me lembro de algumas situações com certa riqueza de detalhes. Por isso, começo dizendo que o primeiro dia foi aterrorizante. Me lembro que sentia um embrulho no estômago, medo, vontade de chorar, sair correndo e nunca mais voltar àquele lugar.

O ano era 1987 e o mês era fevereiro. Meu irmão e eu, recém-chegados a São Paulo, juntamente com nossa família, iríamos iniciar a 2ª e 1ª séries, respectivamente. Fomos sozinhos para a escola e, ao chegarmos nela tive o primeiro susto: a escola era imensa. Tudo muito diferente do que conhecíamos até então. Explico: Viemos de uma comunidade ribeirinha da Zona da Mata do Estado de Pernambuco. A escola que frequentávamos era uma casinha de apenas um cômodo que comportava um pouco

mais de quinze carteiras. A classe era multisseriada, composta por crianças da primeira à quarta série. Até onde me recordo, a escola era um local muito agradável, e a professora muito atenciosa e dedicada e eu gostava de frequentá-la. Não havia problemas com indisciplina, apesar de haver na mesa da professora uma régua pesada de madeira e um pote com um punhado de milho. Não obstante, saímos de lá praticamente alfabetizados, pois sabíamos ler e escrever como também, efetuar somas e subtrações simples.

Entramos na nova escola uma semana após o início das aulas. Fomos levados pela diretora às respectivas salas. Me lembro de chegar à porta da sala e ver um monte de crianças sentadas enfileiradas sobre carteiras verdes. A professora me mandou sentar na segunda fileira do lado da janela. Eu fiquei de cabeça baixa o tempo todo, sentindo vontade de chorar ou sair correndo. As outras crianças me olhavam, riam e cochichavam. A professora me chamou e pediu silêncio para a classe. Diante dela, eu mal conseguia falar. Ela, então, disse que faria um teste comigo para ver se eu ficaria naquela turma ou se iria para outra. Pediu que eu escrevesse numa folha de papel o meu nome completo e identificasse alguns números. Depois ela me pediu para citar o alfabeto e escrever um pequeno ditado. Tudo isso sob o olhar atento dos outros alunos.

Terminado o teste, voltei para a carteira. De tanto nervosismo, deixei alguns lápis caírem no chão, o que levou a classe inteira a rir de mim. A professora me chamou novamente, pedindo que levasse o meu caderno. Ela escreveu algumas palavras e me mandou reescrevê-las uma certa quantidade de vezes. Enquanto eu fazia a tarefa, alguns alunos vinham até mim e faziam caretas, empurravam meus materiais e me davam croques na cabeça. Eu não conseguia reagir e nem tampouco chamar a professora pois tinha medo que ela me castigasse ou me expusesse ainda mais. Após um certo tempo, depois de não aguentar mais o assédio das outras crianças, comecei a chorar. A professora, então, repreendeu os alunos. Ainda nesse dia, na hora do intervalo, ao procurar o sanitário, fui induzida por algumas crianças a entrar no banheiro masculino, o que me deixou muito envergonhada, pois eles riram muito de mim. Por isso, posso dizer que foi uma semana terrível – de choro, medo e angústia. Todavia, o que esse relato inicial tem a ver com a transferência? Diretamente não muito, mas indiretamente, o suficiente para mostrar que a relação desenvolvida, a partir daí, com

os outros colegas e, principalmente, com os professores passou a se dar sob a influência do autoritarismo, do medo, e da angústia. A impressão inicial da escola, da professora e dos outros alunos não foi muito boa. O espaço da escola me revelou mais do que corredores e salas de aula enormes. Revelou crianças “más” e professores “frios”, ou seja, um ambiente hostil e pouco acolhedor. Tudo se mostrou muito diferente ao que eu conhecia até então. As minhas referências de escola, de professor e de alunos se esvaíam à medida que eu ia conhecendo a dinâmica da nova escola. Eram muitas crianças, muitas ordens e conflitos constantes entre os alunos. Eu me sentia constantemente amedrontada e desprotegida.

Nesse ponto considero importante pensar que, do ponto de vista da psicanálise, esses sentimentos de medo e angústia que surgiram entraram em conflito com a representação de autoridade advinda dos adultos da escola e da minha mãe que, por desconhecer o meu sofrimento, me obrigava a ir para a escola, obedecer aos professores e tirar boas notas. Fato é que, enquanto eu nutria o medo e a angústia, a escola se tornava um tormento e a minha relação com o aprendizado de alguma maneira era prejudicada.

Com o passar do tempo, fui aceitando que a escola era uma obrigação da qual eu não poderia fugir e, apesar dos sentimentos ruins que ela me trazia, ela entrou na minha rotina diária consumindo boa parte do meu dia. Me recordo de, muitas vezes, me sentir aliviada quando as aulas terminavam e eu podia, finalmente, ir para casa. Era como se eu tirasse um peso dos meus ombros e toda a tensão, medo e angústia desapareciam como num passe de mágica. Convivi com esses sentimentos de medo e angústia até a 8ª série. Durante esse período, poucas vezes consegui levar os estudos de maneira satisfatória e, como uma aluna mediana, não experimentei nenhuma reprovação apesar de ter ficado de recuperação algumas vezes. Em termos de conteúdo, coincidentemente, o melhor desempenho ocorria com aqueles professores com os quais desenvolvia uma relação empática, de proximidade e de respeito. A passagem para a 5ª série modificou bastante o meu interesse pela figura do professor ao mesmo tempo em que criava uma outra concepção sobre o mesmo. Explico: Até a 4ª série, tive apenas duas professoras que se revezaram entre os dois primeiros e os dois últimos anos. Dessa forma, a relação afetiva desenvolvida com elas manteve-se constante. As

lembranças que tenho desse período são de professoras atenciosas, carinhosas, dóceis e bastante envolvidas com a aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos.

Ao chegar à 5ª série me deparei com vários professores, inclusive do sexo masculino, e com uma carga maior de matérias. A dinâmica que se desenvolvia nas aulas era completamente diferente. Os professores chegavam depois que os alunos já estavam na sala de aula. Alguns sentavam em suas mesas, faziam a chamada, em seguida abriam o livro e escreviam na lousa. Outros chegavam, pediam silêncio e começavam a escrever na lousa. Salvo algumas poucas exceções, os professores não demonstravam afetividade e isso, de certa forma, nos distanciava dos mesmos. Penso que essa ruptura de uma situação na qual havia afeto para uma situação ausente de afeto é um dos fatores que faz com que a experiência do 5º ano seja marcante para muitos estudantes.

Enquanto realizava meus estágios no ensino fundamental, mais especificamente no 5º ano, isto é, a antiga 4ª série, me dei conta do quanto é tenso para o aluno fazer essa transição. Vez por outra, a professora lembrava aos alunos de que suas atitudes “infantis” não seriam toleradas quando eles passassem para o 6º ano, pois não teriam professores tão “bonzinhos” como ela. Não bastasse a tensão que enfrentavam pela obrigação de aprender o conteúdo, esses alunos viviam atormentados pela ideia de que deveriam adquirir maturidade e responsabilidade, se transformando em outros alunos para conseguir levar a sua escolarização adiante.

A mim, a transição marcou de tal forma que influenciou até no meu desempenho escolar. Amarguei duas recuperações: uma em história e outra em matemática. Curiosamente, estas duas matérias eram lecionadas por professores do sexo masculino e que usavam a sua autoridade em sala de aula de forma abusiva. Sendo eles, um militante político fervoroso e o outro, um policial militar rígido. Tanto um quanto o outro atuavam de maneira fria, rígida e, muitas vezes, intolerante. Não por acaso, os mesmos desenvolveram com a turma uma relação conflituosa que culminou, mais tarde, na saída de ambos da escola. O fato é que, não só para mim, como também para alguns dos meus colegas, a estadia na 5ª série foi um longo e penoso processo de adaptação para deixarmos de ser crianças e assumirmos responsabilidades.

Nessa fase escolar, alimentei expectativas ao mesmo tempo em que nutria o medo por talvez, não ter condições de aprender e passar de ano. O medo que sentia de alguns professores se misturava com a ansiedade de não conseguir dar conta de aprender e, assim, decepcioná-los. De certa forma, isso mostra que eu atribuía à autoridade do professor a mesma autoridade atribuída aos meus pais ao mesmo tempo em que sentia alguma afeição por eles. Ou seja, comecei a cultivar uma ambivalência de sentimentos que se manifestavam, em certas atitudes, quase que naturalmente.

Nos anos seguintes, experimentei sentimentos de amor e ódio por uma professora de matemática e que destaco como a experiência de transferência mais significativa e que tomo como referência para a reflexão proposta neste trabalho. Eu estava na sétima série, tinha doze anos e as coisas não eram muito diferentes dos dois anos anteriores. Alguns professores eram atenciosos, empáticos. Outros eram autoritários e frios. A professora de matemática, recém contratada mostrava-se receptiva e amistosa. A sua aparência delicada e tranquila não nos metia medo, ao contrário, ela passou a ser amada e admirada por quase toda a turma.

Até onde me recordo, eu também amava aquela professora. Entretanto, o encanto desaparecia quando éramos confrontados pelo seu saber. A matemática que ela nos ensinava era, muitas vezes, incompreensível por grande parte dos alunos e com o passar do tempo, ela se tornou a principal razão dos conflitos que começaram a eclodir em sala de aula.

A admiração que sentíamos pela professora foi diminuindo à medida que aumentava a nossa dificuldade em aprender. Em meio à reclamação constante de um grupo de alunos, a professora resolveu fazer o que lhe pareceu, ao meu ver, o mais fácil: se aproximou de um pequeno grupo de alunos que respondia satisfatoriamente ao que ela ensinava. Ao passo que, com os demais, ela passou a lidar de forma autoritária. Segundo ela, a razão do nosso baixo rendimento na matéria era devido a nossa falta de interesse e à nossa indisciplina. Nos conflitos que se sucediam, alguns alunos cobravam da professora mais atenção ao que eles tinham a dizer e argumentavam que eles não aprendiam a matéria porque ela não parava para escutá-los e que ela diferenciava os alunos entre bons e ruins.

Eu, que sempre acatei a autoridade dos professores, movida, em parte pelo medo de ser castigada e de ser exposta diante dos meus colegas, protagonizei, involuntariamente, com esta professora, alguns episódios de hostilidade em sala de aula e que classifico como transferências negativas. Tudo começou quando a professora irritada pelos questionamentos que alguns colegas faziam sobre a sua falta de empatia, resolveu, como castigo, trocar alguns alunos de lugar, argumentando que estavam atrapalhando a dinâmica da aula.

Assim como a outros alunos, ela ordenou que eu mudasse de lugar e acabou me isolando do grupo. Sem questionar, obedeci a sua ordem. Entretanto, os demais colegas resistiram à autoridade da professora e permaneceram em seus lugares. Na tentativa de fazer o mesmo, fui repreendida pela professora e o que eu tanto temia sobreveio. A exposição diante da turma me revoltou tremendamente e, me sentindo injustiçada pela atitude hostil da professora resolvi reagir à situação ficando indiferente a ela e às suas ordens. Como consequência, rejeitei todas as atividades, rejeitei responder a chamada, rejeitei fazer prova e rejeitei me comunicar com ela. Com isso, imaginava que, com essa atitude, ela se daria conta de que estava me prejudicando e me restabeleceria ao meu antigo lugar. Todavia, não foi o que aconteceu. Duas semanas se passaram e nós agimos da mesma forma: uma indiferente à outra. Durante esse tempo, ela não tentou dialogar comigo, apenas reagiu a minha indiferença com igual indiferença. A essa altura, toda a sala já estava envolvida na situação, assim como outros professores que, sabendo do ocorrido, tentaram dialogar conosco. Me recordo que a professora de português, discordando da postura da professora de matemática, me deixava sentar em suas aulas, no meu antigo lugar, e isso me fazia ter ainda mais certeza de que ela estava sendo injusta comigo.

À medida que o tempo passava, eu me via numa situação cada vez mais insustentável e irreversível, além disso, o meu estado físico e psicológico também estava sendo afetado. Me machucava e ao mesmo tempo me revoltava a postura da professora em me ignorar daquele jeito, me castigando por algo que eu não havia provocado. Em alguns momentos eu até pensava que ela estava fazendo aquilo comigo porque gostava de mim, o que me fazia nutrir uma afeição por ela. Entretanto, quando ela me ignorava eu sentia raiva e mantinha minha hostilidade. Na quarta semana,

quando haveria uma prova de recuperação, os sinais do meu esgotamento apareceram: sentada na cadeira e de cabeça baixa, comecei a chorar desesperadamente. Muitas coisas passavam pela minha cabeça naquele momento e uma delas era que eu precisava sair daquela situação, mas não sabia como. Mesmo diante do meu choro, a professora me ignorou. Fui para casa e quando minha mãe me perguntou como tinha sido o dia na escola, desabei em prantos.

Minha mãe, nervosa ao me ver daquele jeito, perguntou o que havia acontecido e a única resposta que saiu da minha boca foi: “a professora de matemática. ” Rapidamente, ela se dirigiu à escola. Ao chegar lá, soube pela professora de português o que havia acontecido. Ao conversar com a minha mãe, a professora de matemática argumentou que eu estava sendo influenciada negativamente por outros colegas e por isso ela havia me mudado de lugar, a fim de que eu prestasse mais atenção em suas aulas e melhorasse o meu desempenho. A minha mãe, por sua vez, argumentou que era a primeira vez que eu chegava em casa nervosa por algo que havia acontecido na escola e que ela, como professora, deveria ter encontrado uma outra maneira de lidar com a situação. Por fim, a minha mãe disse à professora que eu voltaria à escola no outro dia e sentaria no lugar que eu quisesse sentar.

No outro dia, de volta à escola, entrei na sala de aula e sentei no meu antigo lugar. Quando a professora entrou na sala, olhou rapidamente em minha direção e agiu como se eu não estivesse ali. A partir daquele momento, não houve mais comunicação entre nós. Em todas as suas aulas, até o final, eu não interagia com ninguém. Apenas copiava a lição e sempre que era necessário ir até ela, pedia para que algum colega o fizesse e na hora da chamada ela pulava o meu nome. Este foi um período no qual experimentei sentimentos como a raiva, o medo, a angústia e baixa auto-estima. Concluímos essa etapa da minha escolarização em completa ausência uma da outra. Em relação ao aprendizado, sinto que ele foi bastante prejudicado, uma vez que eu não tinha mais interesse em aprender. Em função disso, fiquei de recuperação na matéria e só não fui reprovada porque o conselho de classe não permitiu.

No ano seguinte, nos encontramos novamente: ela como professora de ciências da natureza e eu como aluna da oitava série. Devo dizer que a situação permaneceu a mesma. Talvez, tenhamos trocado uma ou duas palavras durante todo o período

escolar. Terminado o ano letivo, me senti um pouco aliviada pois mudaria de período, estudaria à noite e não a veria mais. Em pouco tempo, ela seria apenas a lembrança de um professor ruim.

Todavia, para a minha grande surpresa, no primeiro dia de aula, ela apareceu na sala em que eu estava dizendo que seria a nossa professora de biologia. Tal qual foi a surpresa dela em me ver, que se dirigiu a mim proferindo a seguinte frase: Você aqui novamente? Como resposta, balancei a cabeça positivamente, com um certo tom de decepção e ironia. Coincidentemente, ficamos sentadas uma de frente para a outra. Naquele momento, a figura dela não me punha medo e o meu olhar sobre ela mudou radicalmente, ainda que o sentimento de raiva e indiferença permanecessem. Devo dizer que a afeição de outrora foi substituída pela indiferença experimentada naquele momento. Por isso, sentindo que poderia me defender caso ela tentasse abusar de sua autoridade, procurei uma forma de me “vingar” dela. Diante do seu argumento inicial de que eu não aprendia porque era muito fraquinha, resolvi que seria a melhor aluna da sala. Assim, ela teria que admitir que eu tinha condições de aprender sem a sua interferência.

Me desafiei a lograr um dez na primeira prova e assim o fiz. Na segunda, o mesmo resultado. Na terceira prova, ela se dirigiu a mim dizendo que me pegaria caso eu estivesse colando. A resposta que dei, em voz alta, a deixou um pouco constrangida e após terminar a prova, ela me disse que nada do que eu fizesse iria mudar o que ela pensava a meu respeito. Aquelas palavras me decepcionaram fortemente, pois me dei conta de que talvez ela estivesse levando aquela situação para o lado pessoal, o que a faria me odiar também. O fato é que passamos todo o primeiro ano do ensino médio nos enfrentando numa “guerra fria” em que eu buscava ser reconhecida como alguém capaz de tirar boas notas e ela resistia às minhas tentativas negando a minha capacidade ao desconsiderá-las. Dessa forma, chegamos ao fim de nosso conflito sem uma solução, sem uma conversa e, possivelmente, conservando os mesmos sentimentos.

A relação passou de amistosa, no início, para conflituosa e intolerante, no final. Mas o que fez a nossa relação afetiva tornar-se conflituosa e intolerante? Que tipo de transferência desenvolvemos uma com a outra? Será que essa relação poderia ter se

desenvolvido de outra maneira? Como ressignifico tudo isso para pensar não mais como estudante, e sim como educadora? Refletindo a respeito, é possível perceber que houve uma ausência de conhecimento por parte da professora em não saber conduzir a situação e permitir que ela se estendesse por tanto tempo. Analisando a situação fora da ótica da transferência, é até plausível pensarmos que a professora agiu de forma a não atender aos “caprichos” de sua aluna que, segundo ela, estava enfrentando a sua autoridade propositalmente ou testando a sua paciência, sendo indiferente a ela. Isso me faz pensar o quanto naturalizamos o nosso pensamento sobre o aluno quando este resiste à ordem do professor e reage, algumas vezes, com violência. Não raras vezes, atribuímos o seu mal comportamento ou a sua indiferença à sua falta de interesse em aprender, responsabilizando-o pelo próprio fracasso. Quase nunca pensamos que o próprio professor pode ter, de fato, algo a ver com esse mal comportamento. E como achamos que não nos diz respeito, deixamos o aluno à mercê de sua própria sorte, reforçando a sua conduta, supondo que ele é, suficientemente capaz de arcar com as consequências de seus atos.

Do ponto de vista da psicanálise, é interessante notar que houve em mim, no começo, um conflito interno entre o desejo de não querer obedecer e ter de obedecer às ordens da figura materna dentro do ambiente escolar. Digo isso lembrando que o professor se apresenta para o aluno como um substituto paterno/materno, para o qual são transferidos respeito, afeto e autoridade. O investimento afetivo que o aluno faz na figura do professor e que se caracteriza pela transferência, transforma o professor num objeto Ideal do eu e este passa a ser solicitado pelo aluno como um lugar de saber e, diante desse Ideal do eu, o aluno se coloca numa posição de assujeitamento. Nessa posição de assujeitamento, o aluno pode se relacionar com o objeto de duas maneiras: desejando o saber, de forma a aceitar aprender, escutando o professor e respondendo positivamente à sua autoridade ou resistindo ao saber, se negando a aprender e enfrentando a autoridade do professor.

No início, havia de minha parte, um investimento afetivo positivo na figura da professora, isto é, amor, alegria e aceitação ainda que a mesma não correspondesse na mesma medida. A afeição, todavia, deu lugar ao ódio, a tristeza e a recusa quando a professora, respondendo negativamente, ignorou a minha existência, agindo com

indiferença ao meu sofrimento. Sobre isso Lacan (1992) nos chama a atenção para o fato de que a criança necessita do reconhecimento do outro para que ela se sinta desejada, amada. Durante anos alimentei o pensamento de que esta professora havia sido injusta ao exceder sua autoridade sobre mim. Após revisitar dezenas de vezes essas memórias escolares, tentando encontrar uma justificativa para tal atitude, encontro na transferência a resposta. No caso específico deste relato, a transferência negativa que desenvolvi fez a professora responder a ela desenvolvendo uma contratransferência também negativa, o que acabou alargando o conflito e prejudicando a nossa relação educativa. Ainda que no final eu tenha usado a minha hostilidade para tirar boas notas, a relação com o saber não era prazerosa pois não era o desejo pelo mesmo que me motivava e sim sentimentos hostis pela professora.

O que vale a pena pensar, neste caso, é que se a relação afetiva desenvolvida entre professor e aluno ocorre por uma transferência negativa, é bastante provável que a relação seja conflituosa. Supondo que a professora em questão tivesse o conhecimento de que ela estava sendo alvo de uma transferência, talvez, tivesse melhores condições de lidar com a situação e, provavelmente, tomaria uma atitude mais adequada, que pudesse preservar a relação e não afetar o aprendizado. Entretanto, o propósito deste relato não é atribuir ao professor a “culpa” pelos conflitos vivenciados, nem tampouco ao aluno, mas trazer à reflexão a importância da transferência no ambiente escolar e sua influência na relação afetiva entre professores e alunos e também no aprendizado. Também é importante frisar que este, é um conhecimento que não deve ser ignorado ou tratado com parcimônia pelos educadores, pois, quando lidamos com pessoas, estamos sujeitos às suas intemperanças e manifestações psíquicas. No caso do aluno, não podemos supor que ele tenha condições de arcar com atitudes que, muitas vezes, nem ele mesmo tem consciência de estar reproduzindo. Portanto, é fundamental que pensemos sobre a forma como nos relacionamos e afetamos o outro, tanto dentro do processo educativo quanto fora dele, pois, as consequências nem sempre serão as mesmas para ambos, principalmente numa relação que se dá de forma verticalizada.

3.1.1 Professor e Aluno: Dois lados de uma mesma moeda

***“O professor disserta sobre ponto difícil do programa.
Um aluno dorme,
Cansado das canseiras desta vida.
O professor vai sacudi-lo?
Vai repreendê-lo?
Não.
O professor baixa a voz,
Com medo de acordá-lo”.***

Carlos Drummond de Andrade

Não há dúvidas de que professores e alunos são peças fundamentais no processo de ensino - aprendizagem. A necessidade de um, implica a presença do outro. Tanto o professor quanto o aluno são atores concretos, sujeitos históricos e sociais que trazem consigo para o ambiente escolar vivências, experiências, histórias que os constituem particularmente, no convívio coletivo da sala de aula. Tendo em vista que um dos motivos que os une é o saber, assim como no processo de ensino-aprendizagem, eles devem ser entendidos como uma unidade, apesar das especificidades que carregam e que merecem ser analisadas separadamente. Assim, como dois lados de uma mesma moeda, professores e alunos integram o mesmo processo educativo.

Do lado do professor, cabe o papel de ensinar. Entretanto, o ensinar vai além da simples transmissão de conhecimento. No processo educativo que vem se delineando nas últimas décadas, influenciado, em grande medida, pelas transformações de ordem social e econômica ocorridas em nossa sociedade, o professor vem assumindo o papel de mediador, estimulador e orientador no processo de aquisição de conhecimento, criando as condições para que a aprendizagem ocorra. Ao professor é dada a incumbência de ensinar e fazer com que o aluno aprenda. Segundo Santiago (2008), quando isso não acontece, *“produz o adoecimento ou uma perda significativa no plano do desejo, o que afeta a relação do docente com o saber”* (SANTIAGO, 2008, p.119). Dessa forma, é crucial, tanto para o professor quanto para o aluno, a manutenção do desejo pelo conhecimento pois é do interesse de ambos que se dará uma aprendizagem significativa.

Não obstante, o ato de ensinar implica uma relação afetiva, numa via de mão dupla, entre aquele que ensina e aquele que aprende. Nesse processo, o professor, como um profissional revestido de um saber e investido de uma autoridade, também é um sujeito psíquico, que traz consigo uma subjetividade e, portanto, está submetido, invariavelmente, aos sentimentos e às emoções que são inerentes à sua constituição. Por isso, a maneira como o professor se relaciona com o seu aluno vai refletir na relação deste com o conhecimento e também com os seus pares.

Do lado do aluno, cabe o papel de aprender de forma significativa. Entretanto, aprender significativamente implica em uma atribuição de significado. Diferentemente do aprendizado mecânico em que o aluno armazena um conhecimento de maneira literal, na aprendizagem significativa o aluno constrói o próprio conhecimento de forma dinâmica, autônoma e reflexiva. Nesse processo, ele deve, necessariamente, ser orientado e conduzido pelo professor que irá criar as condições para que o aprendizado ocorra. Além disso, o aluno deve assumir a responsabilidade de frequentar a escola com regularidade, respeitando as regras estabelecidas pela instituição e conviver pacificamente com seus professores e colegas, desenvolvendo relações afetivas positivas e construtivas.

Todavia, assim como o professor, o aluno é um sujeito psíquico e que também traz consigo particularidades tanto de sua constituição quanto de sua faixa etária. Do ponto de vista da psicanálise, a criança entra na vida do professor na fase em que está fortalecendo o ego, saindo, teoricamente, da fase edípica e cujos sentimentos já estão ocultos no inconsciente e reprimidos por normas sociais. Entretanto, a psicanálise nos alerta que os conteúdos do inconsciente não ficam permanentemente ocultos e latentes. Eles tendem a se manifestar na criança ainda na esfera do ego, tendo a sua libido canalizada para a atuação desta em objetos externos, assim como em direção ao outro. No contexto escolar, os conflitos psíquicos eclodem na criança na tentativa de equilibrar os seus desejos inconscientes e atender às exigências da realidade circundante, assim como ao desenvolver uma relação afetiva com o professor, que, simbolicamente, assume o lugar do pai ou da mãe ao mesmo tempo em que assume um lugar de saber.

Assim, no contexto da sala de aula, professores e alunos, cada qual com suas especificidades, se juntam em prol de um objetivo: o saber. Nesse caminho que leva a ambos em direção ao conhecimento, perpassa a subjetividade de cada um, que é manifesta na relação afetiva que desenvolvem ao longo do processo educativo. Nesse sentido, os conhecimentos que a psicanálise dispõe sobre o indivíduo pode ser útil tanto a professores quanto a alunos, uma vez que permitem um conhecer ao outro. O aluno pode, ainda que na esfera do inconsciente, se tornar um parceiro do professor na sua busca pelo saber, ao mesmo tempo em que o professor pode, de posse de alguns conhecimentos psicanalíticos, conhecer o aluno nas fases de seu desenvolvimento, entender os seus conflitos e orientá-lo no seu percurso escolar.

3.2 O que a experiência da transferência diz a mim como educadora?

“A experiência me dá muitas coisas; uma delas, é a possibilidade de ressignificá-la”.

Frase minha

Quando penso na palavra “experiência”, logo me vem à mente sinônimos como: saber, vivência, aprendizado, prática, etc. Na tentativa de refinar um pouco mais este conceito, me recordei de um texto que li a um tempo atrás e que cabe perfeitamente na ideia que desejo transmitir aqui. Dessa forma, sem entrar no mérito das discussões filosóficas sobre o assunto, apresento o conceito descrito em Larrosa (2002) de que a experiência é aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Ou seja, a experiência é um acontecimento vivido por nós mesmos e que nos afeta de alguma maneira. Sendo assim, ela pode ser positiva ou negativa. Entretanto, *“A experiência diferencia-se de um momento vivido qualquer, pois não se encaixa nas ações que realizamos e sofremos rotineiramente, dos afazeres que se repetem e nos exigem respostas já esperadas, sobre os quais não nos debruçamos sensivelmente”*. (FERREIRA, 2014, P. 11)

Mas, aonde quero chegar com essa ideia específica de experiência? E o que ela tem a ver com a minha formação? Como dito anteriormente, a experiência é algo pelo qual nós passamos e que nos muda, portanto, ela é singular. A mudança, todavia, é proveniente do sentido que atribuímos à experiência, pois a partir dela, adquirimos um olhar sobre as coisas, sobre os acontecimentos. A experiência também nos dá a possibilidade de fazermos ressignificações. Assim, podemos dar novo significado a algo, retirando o afeto que a experiência teve sobre nós sem que tenhamos que esquecê-la. E aqui é aonde quero chegar. As experiências de transferência negativa vividas outrora como estudante e que durante muito tempo me fizeram sentir revolta, angústia e ressentimento ganharam um novo significado, um novo sentido. O conhecimento adquirido no estudo sobre a transferência e todo o processo transferencial, sobretudo, na relação professor-aluno, ampliou o meu olhar sobre boa parte das questões comportamentais que envolveram o meu processo de escolarização e com as quais convivi durante muito tempo.

Durante anos, alimentei pensamentos equivocados sobre as razões pelas quais desenvolvi um relacionamento hostil com determinados professores no meu período escolar e que foram tão marcantes a ponto de influenciarem, em certa medida, o que sou hoje como educadora. Assim, sem entender o porquê de reações pouco amistosas de ambos os lados, fui cultivando sentimentos de raiva, ressentimento e angústia por alguns professores ao mesmo tempo em que sentia apreço, admiração e respeito por outros. Havia, portanto, uma ambivalência de sentimentos que conviviam juntos diariamente e que, em certos momentos, se manifestavam, quase que naturalmente.

Enquanto aluna, sempre me propus a cumprir e obedecer às regras sociais e disciplinares impostas pela escola ainda que isso me causasse algum sofrimento. Em relação aos professores, sempre houve de minha parte, um respeito pela autoridade que representavam, assim como uma admiração pelo saber que possuíam. Nesse sentido, a figura do professor aparecia, muitas vezes, envolta num manto simbólico de autoridade e conhecimento, ou seja, aquilo que eu temia e ao mesmo tempo desejava.

Essa dicotomia entre autoridade e conhecimento, temor e desejo figura como um dos aspectos centrais para a reflexão desenvolvida aqui. Isso porque, foi nessa dicotomia que permaneci durante todo o período escolar e com a qual tive que conviver ao mesmo tempo em que desenvolvia a minha aprendizagem.

Recorrendo à teoria psicanalítica, Freud nos diz que desenvolvemos com o outro uma relação na qual transferimos para este expectativas e impressões vividas outrora com as figuras parentais e nessa transferência, depositamos afetos, fantasias e desejos na figura do outro, revivendo, na atualidade, experiências afetivas do passado. Sendo importante frisar que todo esse processo se dá na esfera do inconsciente, portanto, fora da consciência do indivíduo.

A psicanálise também nos diz que pelo fato dessa relação remeter a situações vividas na infância, ela vem carregada de sentimentos, tais como amor e ódio, podendo, também, se manifestar no indivíduo simultaneamente e de forma intensa. Do ponto de vista da relação professor-aluno, a transferência aparece no aluno quando este reconhece no professor o substituto de seus pais. Como o pai representa a figura de autoridade, ao professor também é conferida a mesma autoridade. Entretanto,

juntamente com esta autoridade, o aluno deposita no professor o desejo que ele traz no inconsciente daquilo que lhe falta, que neste caso, é o saber que ele possui.

Então, sob a influência da transferência me relacionei com meus professores de forma a manifestar por alguns, amor e afeição ao mesmo tempo em que manifestava ódio e indiferença por outros. No caso específico da transferência negativa, a experiência vivida me mostrou que é imprescindível ao professor ter um conhecimento mais apurado dos aspectos que envolvem o desenvolvimento psíquico e social da criança, tendo a consciência de que os processos psíquicos não desaparecem quando a mesma adentra o universo escolar, mas que os conteúdos do inconsciente que fora recalcado podem se manifestar causando conflitos internos e externos capazes de prejudicar o aprendizado e a relação afetiva com o outro.

Como educadora de posse do conhecimento da transferência vejo que muitos dos conflitos pelos quais passei poderia ter sido evitado se houvesse, por parte do professor, o conhecimento necessário para saber lidar com a situação. Entretanto, assim como eu, ele também sofreu as consequências da falta de conhecimento que poderia tê-lo orientado, inclusive, em relação a mim.

No processo de resignificação que experimentei ao relembrar experiências de transferência negativa enquanto aluna, me dei conta de que a maneira como eu me relaciono com o outro, especialmente o meu aluno, poderá afetá-lo positiva ou negativamente e que, no contexto escolar, essa influência pode ser ainda mais forte, uma vez que eu estou investida de autoridade e revestida pelo saber, ou seja, por aquilo que o aluno deseja.

Convivi com alguns professores investindo neles sentimentos, afetos e desejos que desconhecia, dando-lhes uma importância que, muitas vezes, não era retribuída. Todavia, isso não é algo que cabe ao aluno corrigir, pois ele traz para a relação com o professor uma demanda inscrita no seu inconsciente e que, portanto, nem ele mesmo se dá conta.

A oportunidade de poder voltar atrás no tempo e resignificar minhas experiências escolares a partir de análises e reflexões em torno do que a teoria me apresentou, tem contribuído significativamente para a minha formação como educadora. Tenho aprendido a olhar o outro como um sujeito que é subjetivo e, por isso mesmo,

constituído por vivências, experiências, histórias próprias e que merecem ser levadas em conta quando o afetamos em prol do seu aprendizado.

O incômodo que me consumia há anos, pôde ser dirimido e outros surgiram. Na verdade, a ressignificação se justifica à medida em que passo a dar um novo sentido a ela, retirando-lhe o afeto, mas lhe conservando o valor. Dessa forma, com as experiências de transferência ressignificadas tenho subsídios para pensar mais criticamente sobre o meu processo de escolarização sob dois pontos de vista, do professor e do aluno, compreendendo os aspectos envolvidos em ambos os lados e que servem, também, para pensar a minha prática como educadora.

Dessa forma, considero que a experiência da transferência me diz o bastante para compreender que, seja como aluno, seja como professor, estamos sujeitos à transferência e aos sentimentos inscritos nela e que para desenvolvermos uma ação educativa que privilegie o aprendizado do aluno, devemos, também, lançar mão desse tipo de conhecimento, pois o aluno é um sujeito e como tal, traz consigo a subjetividade que lhe constitui e ele não deve ser penalizado por isso.

3.3 A importância da transferência na relação afetiva entre professor-aluno e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem

“Um professor afeta a eternidade; é impossível dizer até onde vai a sua influência”.

Henri Brooks Adams

Ao chegar à escola, a criança traz consigo uma bagagem relacional afetiva experimentada com a família, sua referência primeira de mundo e do outro. No seu consciente e, principalmente, no seu inconsciente tilintam frustrações, desejos e recalcamientos, juntamente com toda a sua história. Tudo o que ela entende por regras, respeito e amor foi adquirido no convívio familiar.

Na ideia que tem de si mesma ainda permeia aquela imagem designada pela mãe de um sujeito ideal e desejado. Assim, a criança traz consigo a demanda narcisista de um objeto que é desejado pelo outro assim como foi pelos pais. Isso vai refletir, em grande parte, no seu comportamento e na relação interpessoal que irá desenvolver tanto com os adultos, quanto com os seus pares.

Quando o professor entra na vida do aluno, algumas representações da infância deste reaparecem. À medida que ambos vão se identificando um com o outro, uma relação afetiva se desenvolve guiada pelo interesse comum do saber. Nesse processo, é que se dá o fenômeno da transferência. Pela transferência, o aluno investe sentimentos de amor ou indiferença, desejos, impressões e expectativas na figura do professor de modo a reviver na atualidade situações vividas na infância com figuras parentais. Além disso, segundo Lacan (1992), a criança é movida pelo desejo objetual que lhe falta e que está inscrito no outro.

Dessa forma, além de operar como um substituto da figura paternal, o professor assume o lugar do objeto desejado, isto é, o saber. Cria-se uma dinâmica de representações e simbolismo, em que o professor se torna objeto de transferência de seus alunos e estes, objetos de contratransferência do professor. Um outro fator que deve ser considerado nessa relação é a autoridade dirigida ao professor pelo aluno. No contexto escolar, ela pode ser percebida pelo aluno tanto de forma coletiva quanto individualmente.

Alguns estudos mostram que muitos problemas na educação, tais como: baixo rendimento, evasão escolar e reprovação estão relacionados, em grande medida, aos vínculos mal desenvolvidos em sala de aula por professores extremamente autoritários e antidemocráticos. Existem alunos que não conseguem aprender com determinados professores, ao passo que com outros, há tanto uma boa aprendizagem, quanto a satisfação pelo aprendizado. Os que não conseguem desenvolver um relacionamento amistoso, empático e de parceria com o professor acabam virando alvo da situação, perdendo o interesse pelo saber. Neste aspecto, uma reprovação e a própria evasão pode ser danoso para a criança ou o jovem, visto que este pode vir a desistir dos seus estudos.

A transferência figura como um potencial influenciador no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, estando presente na relação afetiva desenvolvida entre professores e alunos, ela pode desencadear tanto bons quanto maus relacionamentos em sala de aula. Ainda que não nos demos conta disso em muitos momentos, é inegável a sua manifestação.

Como seres sociais, sempre estamos desenvolvendo algum tipo de interação com o outro. Nessas interações, manifestamos nossa subjetividade, dando lugar aos sentimentos e às emoções. Dessa forma, afetamos o outro na medida em que somos afetados por ele. Segundo a teoria dos afetos de Spinoza, nesse processo de afetar e ser afetado vamos construindo nossas impressões sobre o mundo e qual o nosso lugar nele. Assim, é fundamental que façamos “bons encontros” em nossas relações. Segundo Lacan (1998), a presença do outro é fundamental para a criança, uma vez que o sujeito vai se constituindo a partir da imagem do seu semelhante e, desse movimento, o aprendizado escolar também faz parte.

A intenção aqui não é impor aos professores todas as responsabilidades para o bom aprendizado do aluno, até porque existem outras questões de ordem social, estrutural e também administrativas que também devem ser levadas em conta. Todavia, no que concerne ao seu papel em sala de aula como mediador, orientador e criador de oportunidades de aprendizagem, é fundamental ao professor, levar em consideração a subjetividade que vem inscrita em cada aluno.

Por isso, entendendo a transferência como um fenômeno natural que acontece nas relações desenvolvidas entre os sujeitos, na educação escolar, o professor, de posse desse conhecimento, pode desenvolver a sua prática de forma mais reflexiva e consciente, buscando uma relação amistosa, de confiança e respeitosa com seus alunos o que possibilitará aos mesmos uma melhor relação, tanto com os seus pares, quanto com o próprio saber.

Nesse sentido, a pedagogia também pode articular as contribuições da psicanálise à formação de professores, tornando esse conhecimento ainda mais acessível e também relevante para o contexto escolar. Contudo, é fundamental que os professores também queiram esse conhecimento, entendendo que o aprender perpassa não só as dimensões cognitivas, mas também as dimensões afetivas. E que por isso mesmo, conhecer a natureza da criança, suas capacidades e necessidades são imprescindíveis para uma ação educativa produtiva e significativa.

Considerações Finais

“De tudo ficaram três coisas: A certeza de que estamos começando; A certeza de que é preciso continuar; A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar”.

Fernando Sabino

Apesar desta última parte do trabalho referir-se às considerações derradeiras de um pensamento delineado ou de um estudo realizado, considero que estas, em especial, não o serão. Digo isto porque entendo que um pensamento, um estudo ou até mesmo um devaneio, nunca é completo em si. O conhecimento é movido pelas perguntas que fazemos continuamente, ora quando revisitamos o passado ora quando projetamos o futuro. Dessa forma, as considerações feitas aqui, deixo-as como perguntas, questionamentos, pensamentos e reflexões inacabadas, disponíveis para alçar voo e galgar outros porquês.

Entretanto, não abrirei mão de expressar a tônica do meu pensamento frente às experiências escolares que vivi e revivi e, que colaboraram, em grande medida, para a concepção que tenho hoje sobre o que é ser educador. Então, é desse lugar de experiência vivida outrora como estudante e do lugar de educadora em formação que falo.

Não obstante, o caminho percorrido até aqui, com as memórias de experiências de transferência vividas na escola me fez chegar à conclusão de que alunos e professores estão no meu barco, vivendo situações que atravessam o processo educativo e com as quais, muitas vezes, não sabem lidar, seja pela falta de conhecimento ou mesmo pela ausência de empatia. Me refiro à empatia pois entendo que na relação educativa entre professores e alunos, a escuta alteritária deve partir do professor, chamando o aluno a assumir um lugar de importância no seu processo educativo.

Ao meu ver, educar e ensinar implica conhecer o outro, dar-lhe valor e se colocar no lugar dele. Nesse processo, saber ouvir o que o outro tem a dizer é fundamental para a construção de uma relação afetiva positiva, dialógica (FREIRE, 1987) e de parceria, assim como o reconhecimento do outro como um sujeito. Segundo Maturana

(1998), quando a relação que se constrói não é de empatia e proximidade, há a negação do outro como legítimo e o diálogo não se processa.

Dentro da sala de aula, professores e alunos convivem buscando o mesmo objetivo, portanto, é de suma importância que haja entrosamento entre eles para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma significativa e produtiva para ambos. O diálogo e a empatia devem fazer parte da relação desenvolvida em sala de aula. Em vista disso, considero as contribuições da psicanálise à educação, conhecimentos necessários aos professores a fim de que possam enxergar o aluno na sua subjetividade, como um sujeito ativo na ação pedagógica.

A transferência, por exemplo, é um conhecimento de fundamental importância para os professores. Sabendo a qual tipo de transferência está sendo alvo, o professor tem condições de atuar de forma mais consciente, desenvolvendo com seu aluno uma relação mais produtiva e amistosa. Isso implica assumir o lugar de importância que lhe foi concedido pelo aluno e agir de forma a favorecer o redirecionamento do desejo deste em direção ao saber. Mas sabemos que, para muitos professores, não é fácil abdicar de sua posição de detentor do saber. Além disso, existem outras questões de ordem pedagógica que os professores têm que dar conta e que, segundo eles, já tomam boa parte do seu tempo. Diante disso, deixo aqui este espaço em aberto para outras ideias, outros questionamentos e reflexões que possam surgir, entendendo que este é um tema bastante amplo.

Por fim, há que se ressaltar que não se propôs neste trabalho apresentar um método para o desenvolvimento de um bom relacionamento entre professores e alunos, mas refletir sobre o que a psicanálise, de forma bastante relevante, nos revela com o conceito de transferência, sobre a relação entre os sujeitos no ambiente escolar, mostrando que ela está presente e influencia, em grande medida, os próprios sujeitos e também o aprendizado.

Referências Bibliográficas

- ARANTES, V. A. Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação. Videtur, Porto, n. 23, p. 5-16, 2003.
- BERNARDINO, L. M. Aspectos psíquicos do desenvolvimento infantil. Ágalma, 2008.
- CALAZANS, R; NEVES, T. I. O campo de problemas da psicanálise e os atos falhos. Psyche (São Paulo), São Paulo, v. 12, n. 23, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382008000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 29 jan. 2018
- CHAUÍ, M. Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BREUER, J.; FREUD, S. (1895[1893]). Comunicação Preliminar. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- FEITOSA, V. C. Comunicação na Tecnologia: manual de redação científica. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FREUD, S. (1900). A Interpretação dos Sonhos. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- FREUD, S. Análise fragmentária de uma histeria. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. Algumas Reflexões Sobre a Psicologia Escolar. Edição Standard, Vol. XII, 1996/1914.
- FREUD, S. (1996). Estudos sobre a histeria. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).
- FREUD, S. (1894). As Neuropsicoses de Defesa. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- FREUD, S. O futuro de uma ilusão. Tradução de José Octávio Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. Tradução de José Octávio Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- FREUD, S. (1914b). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. A dinâmica da transferência, 1912. In: _____. O caso de Schreber e artigos sobre técnica. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 107-120. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12)

_____. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1969. V. 11, p. 125-36.

FREUD, S. La dinámica de la transferencia. Obras Completas. Vol. II. Madri, Biblioteca Nueva, 1981.

_____. Múltiple Inter és del psicoanálisis. O. C., vol. II. 1913.

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Imago Editora, Rio de Janeiro, 2.a edição, 1987.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: Obras Completas, Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980. vol. XVIII.

_____. (1915) "Observações sobre o amor transferencial – Novas Recomendações aos Médicos que exercem Psicanálise III" Vol. XII, Obras Completas Edição Standard Virtual.

FREUD, S. (1895). Psicoterapia da histeria. Obras completas, ESB, v. II. Imago: Rio de Janeiro, 2006.

FREUD, S. (1914a). Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. in: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-83.

FREUD, S. (1912). Alguns Comentários sobre o Conceito de Inconsciente na Psicanálise. In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, S. (1915). O Recalque. In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

KLEIN, M. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921–1945). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, M. (1952). As origens da transferência, Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEIN, M. As origens da transferência. Revista brasileira de Psicanálise, v. II, n. 4, pp. 619 a 623, 1969.

KUPFER, M. C. M. Apresentação da pré-escola terapêutica Lugar de Vida. Estilos da Clínica, São Paulo, ano I, n. 1, 1996.

_____. Educação terapêutica: o que a psicanálise pode pedir à educação. Estilos da Clínica, São Paulo, ano II, n. 2, 1997.

_____. Uma educação para o sujeito. In: _____. Educação para o futuro: psicanálise e educação. São Paulo: Escuta, 2000.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu. In Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. (1963/4). Seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____ (1992). O Seminário. Livro 8: A Transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, J. (1979). O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud, 1953-1954 (Betty Milan, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1988). O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964 (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1992). O seminário livro 8: A transferência em sua disparidade subjetiva, 1960. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, B. Vocabulário da psicanálise (P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abril 2002.

MATURANA, H. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MAURANO, D. A transferência: uma viagem rumo ao continente negro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PIAGET, J. Problemas de Psicologia Genética. In: *Os Pensadores*. São Paulo, abril Cultural, São Paulo, 1978.

PIAGET, J. Epistemologia genética. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

SANTOS, J. M. S. A transferência no processo pedagógico: quando fenômenos subjetivos interferem na relação de ensino-aprendizagem. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SANTIAGO, A. L. O mal-estar na educação e a Conversação como metodologia de pesquisa-intervenção na área de psicanálise e educação. In: CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes (org.). Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Trarepa/ FAPERJ, 2008, p. 113-131.

SCHNEIDER, M. Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud. São Paulo: Escuta, 1994.

SPINOZA, B. Ética (Tradução e notas de Tomaz Tadeu). Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2007 [edição bilíngue latim/português].

SPINOZA, B. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora (T. Tadeu, trad.), 2009.

TACCA, M. C. V. R; GONZALEZ REY, F. L. Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. Psicol. Cienc. prof., Brasília, v.28, n.1, p.138161, mar. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 fev. 2018.

PEREIRA DE OLIVEIRA, Marcella. Melanie Klein e as fantasias inconscientes. Winnicott e-prints, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2007000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 24 mar. 2018.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VYGOTSKY, L. S. O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. Tradução Cristina Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1995. (Trabalho original publicado em 1941).